

HISTÓRIAS FANTÁSTICAS DE UMA TERRA LONGÍNQUA

AC LUKAMBA

▪ coleção: vozes em ascensão



KAMBA
EDITORA

Ler e Fazer

Fale Conosco
(+244) 933 752 709

Envie o seu Original
kambaeditora@hotmail.com

Acesse o nosso site
www.kambaeditora.wordpress.com

TÍTULO

HISTÓRIAS FANTÁSTICAS DE UMA TERRA LONGÍNQUA

Copyright © 2022 Kamba Editora
& AC Lukamba

Primeira Edição em Português: 2022
Colecção: Estrelas do Wattpad – 2

PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTE LIVRO POR QUALQUER MEIOS, SEM A PERMISSÃO POR ESCRITO DOS EDITORES E DO AUTOR, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Edição de e-book
Kamba Editora

Imagem da capa e ilustrações
© Moisés Júnior

Catálogo editorial
(14) EW – 02/2022

Projecto gráfico e Diagramação
Daluka

**HISTÓRIAS
FANTÁSTICAS
DE UMA TERRA
LONGÍNQUA**

AC LUKAMBA

**HISTÓRIAS
FANTÁSTICAS
DE UMA TERRA
LONGÍNQUA**

Contos



KAMBA
EDITORA

*Para todos aquellos que prometemos recordar,
mas nos esquecemos.*

Índice

Nota do Editor	7
Breve Introdução à Terra Longínqua.....	8
O Contrato de Eloko	12
Mambelé, a Cobra que Tinha Cabelos e Concedia Desejos	17
Mumuxi, a Caçadora de Feiticeiros.....	35
A Criatura no Escuro	59
O Regresso de Lemo	75

NOTA DO EDITOR

Caros kambas, não querendo alongar os processos administrativos para finalmente embarcarmos no comboio para a terra que o autor nos oferece, permitam-nos dizer algumas palavras necessárias sobre o livro que possuíis em vossos telemóveis ou computadores.

AC Lukamba venceu a 1ª ed. do Concurso Futuros Contistas, uma ideia posta em acção pela Kamba Editora, para premiar jovens talentos promissores e assim, mesmo que de forma diminuta, oferecer um maior nível de confiança para que esses mesmos jovens, cheios de vontade de criar, saibam que não escrevem para as paredes, que têm alguém disposto a apreciar as suas criações e, assim, estarem mais motivados para o futuro. Depois de tanto tempo, aqui temos finalmente um livro!

Essa viagem estará cheia do nosso passado, nossa identidade e nossa infância. Acreditamos ter um jovem que, se devidamente aproveitado e instruído, poderá contribuir muito mais do que imaginamos para a literatura fantástica do nosso país, um género ainda carente de atenção. Demos nós o passo, o primeiro. Acreditamos que estarão envolvidos nos mundos que Lukamba nos traz, mesclados entre si, como que passados pelo mesmo endereço e contados pelos mesmos miúdos que embora pouco dominem a língua, dominam as alegrias da vida.

Agora sim, sejam todos bem-vindos ao Nunca da nossa terra!

BREVE INTRODUÇÃO À TERRA LONGÍNQUA

Já ouviu falar do termo *Shifting* (traduzido vulgarmente como realidade desejada)? De uma forma resumida, é a capacidade de transferir sua mente para uma realidade alternativa, criada ou não por você. Acredita-se que a pessoa em causa não só é capaz de transferir sua própria mente como também viver a vida escolhida — aprender a tocar instrumentos, sentir dor, se apaixonar, fazer sexo — e trazer essas mesmas experiências para a vida antiga, ou seja, sua Cr (Realidade atual).

Parece algo bastante interessante e emocionante. No entanto, apesar de não se poder ferir ou morrer (no verdadeiro sentido da palavra), se a pessoa não fazer devidamente as coisas, pode acabar por abrir portas para imensas coisas ruins.

Existe o chamado *script* onde você especifica a realidade que se deseja explorar, quem será, sua aparência, raça, sexo, quanto de dor poderá sentir (começa a parecer um pouco bizarro aqui) e as suas palavras-chave para voltar à sua Cr. Quanto mais específico o seu *script*, maiores as chances de você ter sucesso. O processo é demorado e poucas pessoas realmente conseguem quebrar o véu que separa essa realidade das outras e adentrar numa completamente diferente. Eu tentei algumas vezes — sem sucesso, mas ainda continuo tentando.

Quando comecei a escrever esses contos, eu tinha uma enorme bagagem de relatos sobre seres monstruosos que assombravam Angola. No entanto, parecia ser a única pessoa que lembrava deles. Comecei por fazer pesquisas e fiz uma enxurrada de perguntas estranhas aos meus amigos de infância, nenhum deles lembrava e, se lembravam, eram coisas vagas e desconexas. Pareciam saber apenas o que eu lhes contava e nada além disso. Fiquei obcecado e meio paranóico em descobrir o motivo. Tenho

memórias tão vívidas daquela altura fincadas nas paredes da minha mente e rotuladas com cartazes em néon que achei estranho os outros não as possuírem. Não obtive respostas satisfatórias concernente a possível crise precoce de alzheimer dos meus amigos.

Com isso surgiu a ideia de talvez estar em uma realidade alternativa, numa terra longínqua e soturna, onde a escuridão podia ser tão intensa que era capaz de ofuscar a luz do sol. Essa foi minha resposta mais racional possível durante algumas semanas.

Alguns dias depois da “resposta mais racional” que acalmou minha mente, enquanto conversava com um amigo, essa questão voltou a surgir e percebi que eu não acreditava realmente naquela ideia de realidade alternativa. Falei com ele sobre minhas lembranças e ele ficou impressionado com o que escutava e me encarava como um clarlatão ou alguém perturbado; uma mistura de septicismo e mais! Por fim, ele pensou sobre isso e falou algo que acho ser a melhor resposta possível. Acho que não estava realmente falando sério, mas acabou que a brincadeira foi a chave para achar a resposta que procurava. Ele disse:

“Quando somos mais velhos as coisas parecem diferentes. Antes nos tramancavam bué. Você sai agora da escola, te priva; falaste alto demais, te privam. Agora somos mais velhos e não vemos muito disso. Andamos de um lado para o outro com telemóveis na mão ou no bolso, com dinheiro e outro bem. Achamos que a vida melhorou, mas não! As crianças que têm a mesma idade que a nossa naquela altura estão a ser tramancadas pelos novos “colabundas”, os putos vão à praça e voltam descalços porque lhes atrofiaram. Algumas coisas não mudaram, nós é que vemos de uma outra perspectiva.”

«Ver de uma outra perspectiva.»

Eu senti que uma lâmpada tinha sido acendida dentro de mim. E se eu estivesse vendo sobre uma outra perspectiva? Do lado de fora daquele mundo, acessível apenas para as crianças e quando adultas as memórias desfaziam-se em pedaços como papel na água e as portas se fechavam? Só podia ser isso. Aquela era a Terra do Nunca e quando se saía dela, por crescimento, tudo se esvaiava e o caminho para o seu regresso ficava oculto.

Por alguma razão eu consegui preservar elas e ao escrever sobre aquela terra, agora acessível, talvez nunca a esqueça; porque apesar de assusta-

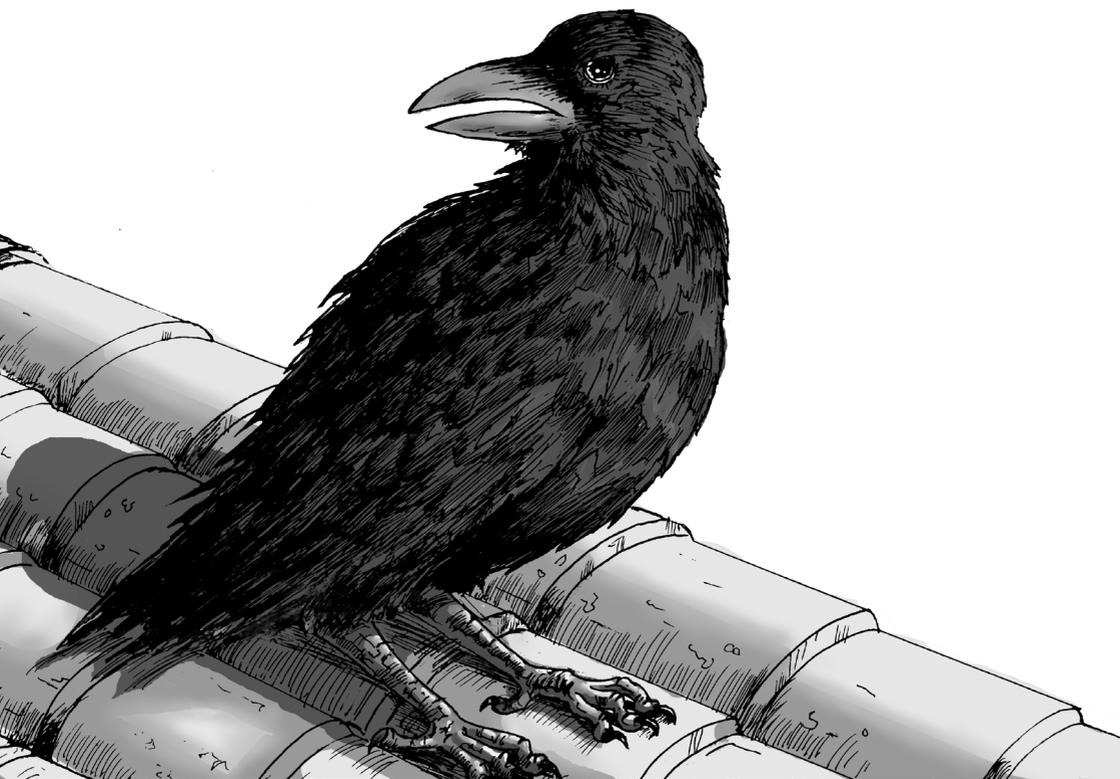
doras, elas fazem parte de mim, e se me esquecesse disso, como poderia sentir-me completo? Aquele lugar faz parte de quem eu sou.

Daí surgiu a ideia para o título desse livro: Terra Longínqua. Uma coleção de contos baseados em memórias há muito esquecidas. Histórias que trouxeram à tona memórias um tanto dolorosas. Que não só me fizeram duvidar da dádiva do esquecimento dada aos homens, como de mim mesmo, por deixar partes minhas desaparecerem.

Talvez as possuias: esquecidas ou reprimidas. Talvez esse livro faça você lembrá-las. Espero que não sejam tão taciturnas quanto as minhas e nem tão dolorosas quanto aquelas que costumamos agradecer por esquecer.

Bem-vindos à Terra Longínqua!

O CONTRATO DE ELOKO



Firmino avistou o primeiro corpo assim que adentrou nas profundezas da floresta. Era humano e pendia sobre o galho de uma árvore. Estava escuro, uma névoa negrume e espessa cobria o lugar o impedindo de ver mais do que alguns quilômetros, mas ele podia enxergar o corpo com uma clareza doentia e não natural.

Não era um corpo completo e não estava morto a mais de algumas horas. Firmino sabia disso, era sua obrigação como funcionário do necrotério local. Mesmo assim, isso não foi o suficiente para persuadi-lo a desistir. Ele estava apavorado, mas o ódio pelo seu vizinho era maior. Continuou andando pela floresta.

Carregava uma bolsa de couro que pertencia a sua mãe e nela havia todo ouro que possuía; colares, moedas antigas, anéis, tudo feito de ouro puro, era essa uma das várias orientações que recebera. Andou por quase meia hora, até ouvir uns passos atrás de si. Pelo menos era isso que sua mente dizia. Mas os sons que Firmino ouvia estavam longe de serem passos, de sequer serem humanos.

Então os sons transformaram-se em assobios e ele soube que o mínimo deslize podia custar sua alma. Por isso tentou ao máximo não entender a melodia que arrombava seus ouvidos e suscitava interesse. O seu coração batia aceleradamente e suas têmporas latejavam, o suor brotava da testa, das axilas, costas e mãos.

Agora a névoa estava mais espessa, ao ponto de não conseguir ver seus sapatos. *Tire-os*, a voz do quimbanda soou em sua mente. Ele abaixou-se e tirou os sapatos, o toque com o chão frio e enlameado fez suas pernas tremerem. O homem, agora descalço, continuou andando.

Outra meia hora se passou até Firmino achar o que procurava. Parecia bastante com o que o quimbanda descrevera. Árvores enormes formavam

uma meia lua, cada uma mais estranha que a outra. O vento açoitava ferozmente seus galhos, mas por incrível que pareça, nem uma folha soltava. Ele deu alguns passos e percebeu que o próprio ar era diferente — rarefeito, húmido e com um odor pútrido que irritava o nariz.

Uma luz fraca e dourada saía da árvore no centro, Firmino sabia que não estava lá a segundos antes. Aproximou-se da árvore, havia um buraco circular do tamanho de um crânio no meio dela, era de onde vinha a luz, ele olhou para dentro e deslumbrou-se com o resplendor de milhares de joias e objetos dourados. Alguns eram tão antigos que Firmino não sabia dizer o que eram nem para que serviam.

Pensou que talvez, se tirasse algo pequeno, o dono não notaria. *Não toque em nada que não seja seu*, a voz falou novamente. Isso o fez cair e em si, ele abriu sua bolsa e despejou o conteúdo sobre o buraco, se afastou com passos longos para trás e prostrou-se de joelhos com a cabeça abaixada, da mesma forma que vira o quimbanda fazer.

Os sons dos galhos pioraram e sobrepondo-se a isso, um baque, igual ao de um corpo pousando no chão. Ele ergueu o olhar e havia uma silhueta perto da árvore central. Era alta e corpulenta, a escuridão escondia outros detalhes, mas pela postura, Firmino sabia que era masculina.

— Boa noite — Firmino cumprimentou, sua voz não falhou e havia um fino sorriso em seus lábios —, tenho um trabalho para você.

— Um trabalho? — a figura disse. Mas Firmino achou que tivesse inventado aquilo, porque o que ouvira não devia fazer sentido algum. Ele ouviu sinos, trovoadas, árvores sendo quebradas, todo o tipo de som ecoou pelo lugar, e era belo, simplesmente belo. Uma orquestra composta por elementos que não deviam se dar bem, mas agora funcionavam perfeitamente.

— Você fala português? — repetiu.

— Eu falo tudo, diga o que quer.

Dessa vez ouviu sua mãe cantando, sua mulher gemendo de prazer e sua colega de trabalho, com quem tivera sonhos indecentes inúmeras vezes, gritar seu nome. Ele não entendia como isso estava acontecendo, nem como parecia entender tudo, mas percebeu que estava calmo e entorpecido, da mesma forma que ficava quando estava prestes a cair no sono.

— Meu colega e vizinho Adalberto ganhou uma promoção, ele precisa morrer.

Firmino ouviu um estalo de língua, a seguir um camião buzinando, uma criança gritar e um riso animalesco de deboche. Pensou no documentário de dois minutos que passava na TPA e lembrou que uma vez ouvira que havia um povo que falava com tiques, só não lembrava o nome, mas o estalo parecia igualzinho.

— Vai fazer ou não? — ele questionou.

— Sim — um leão rugiu —, o que eu ganho em troca?

— Eu trouxe ouro para você, ouro puro — Firmino tentou dizer, mas foi interrompido.

— Essa terra não é mais a mesma, Firmino. As pessoas se esqueceram de mim, das suas tradições, dos seus deuses e aderiram a outras ideias.

Eu não disse o meu nome disse? Firmino questionou mentalmente.

— Esqueceram que temos fomes, esqueceram de visitar seus deuses e os alimentar com presentes. Os poucos que se atrevem a vir até aqui, não servem para todos nós. Nós temos fome, Firmino.

— Eu trouxe ouro.

— O Ouro é sobrevalorizado, Firmino. Um homem faminto não procura sustento, procura? A menos que você trouxe as duas coisas.

— Não. O homem da tradição, o quimbandeiro, disse que o ouro é suficiente... E ele me garantiu.

O medo se espalhava pelo corpo de Firmino, tão rápido quanto o sangue bombeado.

— É sábio confiar num ancião, é insensato confiar num homem cujo único comprometimento é com o dinheiro dos seus clientes.

Então, a figura se aproximou de Firmino e seu peito desabou. Sua tez era vermelha-sangue, com marcas brancas ao redor do corpo. Seu rosto era afiado, com queixo e nariz pontudo. A cabeça completamente careca e com linhas verticais ao redor da testa. As enormes orelhas continham brincos feitos com outras orelhas, orelhas humanas putrificadas e um pedaço de pele de cabra cobrindo a cintura.

Firmino caiu no chão e viu a criatura sorrir, seus dentes eram aguçados e pareciam pequenas facas. O cheiro a seguir foi insuportável e fez Firmino ter ânsia de vômito.

— Mas não se preocupe, Firmino. Nós damos um jeito.

Firmino ouviu uma mulher gritando por ajuda e vozes masculinas rindo dela. Gatinhou, levantou-se aos tropeços e correu. Sua mente girava e seu coração retumbava no peito. Ele sabia que precisava fugir dali o mais rápido possível.

Ele sentiu um puxão no braço esquerdo que o fez perder o equilíbrio e estatelar-se no chão. A criatura estava de pé a sua frente, seus olhos brilhavam numa cor amarela doentia. Firmino percebeu que não eram realmente olhos, mas que a luz bruxuleante vinha de algum lugar dentro da cabeça da criatura e refletia sobre os buracos oculares vazios.

— Não se preocupe, seu contrato foi aceite.

Firmino ouviu o som característico de metal roçando metal.

— Por favor não — ele implorou.

A criatura retirou um punhal da lateral da sua veste, era branco marfim e tinha restos de sangue na lâmina serrada. Não era feita de metal, mas isso não a tornava menos assustadora.

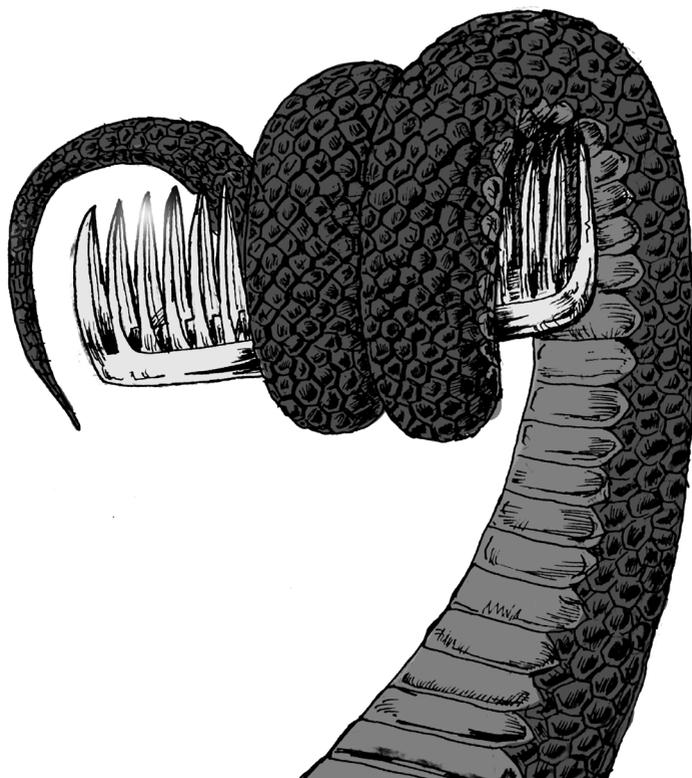
— Os deuses e os espíritos dessa terra estão cansados e famintos, Firmino. Nosso próprio povo nos abandonou.

Mãos grossas e calejadas que pareciam patas apertaram o seu ombro, ele sentiu outro puxão, como uma câmbria se alastrando por todo o corpo. Sentiu uma corrente fria transpassando o seu peito, e depois a dor lancinante. Ele gritou, mas sua voz era fraca e parecia abafada. Seus dedos dos pés se contorceram e depois pararam.

Ainda restara um fi de vida no corpo do Firmino, enquanto era arrastado pela floresta. A criatura sabia disso, por isso começou a assobiar, fazendo-o ouvir e ver coisas. Coisas felizes e prazerosas. Seu último pensamento antes de o mundo se tornar um lugar frio, escuro e silencioso foi que a criatura mostrava coisas felizes para que a carne não estragasse. Ela sabia que às vezes, quando a presa se assustava, a carne perdia o gosto.

Era uma teoria, mas uma teoria excelente.

MAMBELÉ, A COBRA QUE TINHA CABELOS E CONCEDIA DESEJOS



Era tarde. O sol se punha no horizonte e tons laranjas e vermelhos começavam a manchar o céu azul e a dissolver as nuvens espessas e felpudas como algodão.

Era uma tarde de cacimbo e por isso já começava a esfriar. Mas as crianças não notavam. Quando se é criança, só se nota o frio no momento em que se toca a água ou quando se é obrigado a tomar banho. Ou talvez fosse porque aquelas crianças estavam saindo de um jogo de futebol, aquecidos com a corrida e a gritaria, entorpecidos com o próprio cansaço e ludibriados demais com a vitória para o notarem.

Luaty e seus amigos cortaram o caminho passando pelo antigo e abandonado mambroa. Caminhavam entre os velhos alicerces de pedra e cimento, os passos cravejavam sobre o cascalho e suas pernas roçavam o capim enorme que, corajosamente, crescia nos espaços inalcançados pelos respingos de cimento das obras.

Riam relembando as várias proezas, cada um gritando mais alto que o outro. Todos menos Luaty, que prestava atenção aos sons ao redor, tentando diferenciar o assobio do vento ao farfalhar de galhos secos das vozes fantasmagóricas que ouvira nas várias histórias contadas pelos amigos durante as noites de jogos.

— Você foi o melhor hoje. — Sílvia disse, cutucando Luaty que perdeu a concentração e encarou a amiga, tentando entender o que ela dizia.

Sílvia era baixa e corpulenta. Tudo em seu corpo era fofo e redondo. Desde as bochechas que se encovavam quando sorria, aos olhos grossos e brancos lembrando berlindes. Mas o que Luaty adorava mais em Sílvia era a marca negra que ela tinha bem entre as sobrancelhas que se notava sobre a tez, apenas quando arqueava as sobrancelhas. Ele não dizia isso a ninguém, achava estranho e não entendia bem o que aquilo significava.

— É verdade, foste foda! — A voz de Nelito, a outra criança, soou atrás deles. As crianças viraram o rosto para o amigo tentando absorver o que tinham acabado de ouvir.

— É o quê? — disse e ergueu os braços musculosos — Meu mano fala bué isso.

— Qual deles? Você tem uns 10 irmãos, ao invés de falar meu irmão diz mbora já o nome. — Capita, a quarta criança, disse.

Era chamado assim porque era o capitão da equipa, e o era apenas porque o pai comprava os uniformes, as bolas, e as vezes os treinava. Ele era um rapaz alto, com feições magras e pontudas.

— O Fedi — Nelito disse. Baixou levemente a cabeça e passou os sapatos velhos para a outra mão.

Luaty notou que o amigo começava a parecer desconfortável. Sabia que todas as crianças zombavam dele porque era o décimo filho de seu pai, apesar de o primeiro de sua mãe. Quando as pessoas começavam a falar de suas roupas antigas, dos sapatos grandes e remendados que pertenceram anteriormente aos irmãos, ele ficava furioso e normalmente acabava lutando com alguém, espancando. Nelito tinha fama de bater até sangrar a pessoa.

— O que vira boneco? — Sílvia questionou. As outras crianças soltaram risos.

— Não é boneco, lembra? — disse Capita — É anima.

— Anime! — Luaty corrigiu, num tom sério — E ele não vira boneco é um otaku.

As crianças riram ainda mais e Luaty teve que conter a súbita vontade de também o fazer. Aquela palavra era estranha e engraçada demais.

— OTAKU! OTAKU! — Sílvia começou a cantarolar. — Se seu irmão é otaku, você é otapipi.

Luaty estava prestes a dizer a amiga para parar, mas era tarde demais. Nelito jogou as chuteiras remendadas e correu atrás de Sílvia, que também pôs-se a correr. Desapareceram sobre a névoa branca que começava a se formar mais em frente.

— Por que que essa miúda vem sempre connosco? — Capita começou a

queixar-se como sempre fazia quando todas as pessoas se afastavam. — Ela nem joga.

— Porque é nossa amiga e não joga porque os outros começam a reclamar e nos chamar de batoteiros.

— Vamos acudir antes que o Nelito aleije a filha alheia.

Eles foram atrás dos amigos. Luaty sabia que Nelito nunca apanharia a Sílvia, ela era a pessoa mais rápida que conhecia, por isso as outras equipas não permitiam que jogasse, mesmo assim ele não quis testar o amigo.

A névoa impedia que vissem mais do que alguns metros. Luaty começava a achar que estavam perdidos quando ouviu o grito. Ecoou por todo o Mambroa e fez as velhas construções tremerem e um arrepio percorrer sua espinha.

Primeiro achou que fosse um fantasma, mas depois, notou alguma coisa familiar no grito. Sobressaltado percebeu que era a voz de Sílvia. Seu peito desabou, Nelito a tinha agarrado.

Ele e Capita trocaram olhares. Viu a mesma apreensão estampada no rosto do amigo e soube que o som não vinha da sua mente temerosa. Correram para o lugar de onde o grito surgira.

Acharam-nos próximo a uma lagoa estranha com águas vermelhas enegrecidas que lembravam a mistura de sangue de galinha e vinagre que o pai costumava a preparar. Alguns metros depois da beirada, formando um retângulo, encontravam-se alicerces feitos de blocos com pilares de ferros nos cantos. Como se muito tempo atrás um pedreiro maluco tivesse a intenção de vedar o local.

Luaty prestou atenção nos amigos. Sílvia estava no chão chorando com o rosto escondido entre as mãos; tremia e soluçava. Nelito encarava a lagoa a alguns centímetros com um olhar vidrado, como se estivesse vendo através da água. Sua pele havia empalidecido tanto que começava a ficar parecido com um adobe.

Luaty largou as chuteiras, e prostrou-se na frente do amigo. Se preparava para convencê-lo a se desculpar com Sílvia. Nelito pareceu notá-lo e regressou ao presente.

— Não fui eu — murmurou com os lábios trémulos —, juro que não

fui eu.

— Se não foi você, quem foi? — Luaty disse tudo numa só rajada. No mesmo instante Sílvia gritou novamente. Dessa vez seguida por Capita.

Luaty virou o corpo e seu coração quase parou. O sangue gelou nas veias e todo seu corpo tremeu. Em seguida suas mãos e pés endureceram como concreto. De repente sentia-se pesado e por mais que quisesse correr, seu corpo não lhe obedecia.

— Crianças, não tenham medo. — Uma voz aguda ecoou por sua mente. Terminava com um estranho sibilar.

Os olhos de Luaty começavam a doer de tanto olhar para o que estava na lagoa. Era grande e lembrava uma jiboia. Sua pele escamosa cintilava junto com seus olhos com retinas em formato de fendas. Tinha uma crina branca descendo sobre o dorso do corpo.

Luaty ouvira muitas vezes as pessoas dizerem que se um animal falasse com ele e por algum infortúnio ele entendesse então iria desmaiar e nunca mais acordar. Ele quis que isso acontecesse, ver aquilo não só o assustava como também enojava.

Sentiu que estava se afastando dali, se afundando, os olhos ardiam e humedeciam, o pulsar do coração pareceu sufocante, distante. Aguardou que seus olhos se fechassem, mas isso não aconteceu. Por outro lado, voltara a ouvir a voz da coisa e um arrepio percorreu sua espinha trazendo-o de volta a superfície:

— Não vos farei mal, pelo contrário, concederei a cada um de vós um desejo. Sou um amigo.

Ao lado daquele corpo enorme emergia da água uma outra parte semelhante a primeira, mas que se estreitava no fim e se enrolava sobre um objeto dourado e dentado que passava pela crina branca marfim em seu dorso. O corpo dela balançava lentamente como o pêndulo de um relógio antigo que Luaty vira imensas vezes na escola.

A coisa continuava passando o pente dourado sobre o cabelo branco e liso, a água escorria-lhe dos tufos, descia por sua pele brilhante e juntava-se a imensidão de negrura que era a lagoa.

Pela força, Luaty conseguiu desviar o olhar e preparava para gritar e

expulsar o bicho. Fechou os olhos, contou até três, engoliu uma lufada de ar, mas antes que pronunciasse alguma palavra, a voz de Sílvia soou:

— Sai daqui demônio! Xô! Xô! Xô!

Ela estava de pé, segurava em uma das mãos um punhado de pedras e as lançava com a outra. No entanto elas ricocheteavam sobre a pele escamosa produzindo um som idêntico as badaladas de sinos e aparentavam não surtirem efeito algum. Luaty questionou mentalmente, como era possível alguém que a bem pouco tempo estava chorando ter coragem para gritar com uma coisa daquelas.

O ser se curvou até estar a altura de Sílvia. Encarou-a e o arremesso de pedras cessou. Depois encarou os outros e por fim, Luaty. Ele viu as pupilas verticais dilatarem e contraírem ao ponto de quase não poderem ser vistas. Uma, duas, três vezes. Um cheiro que não reconhecia invadiu suas narinas e sentiu-se leve, confortável, e acima de tudo, seguro. O coração desacelerou no peito.

Ele tinha noção do que estava bem a frente dele. Sabia que a melhor coisa seria sair dali, mas algo mudara, agora também queria saber o que aquilo era e até o seu nome, se tivesse um.

— Meu nome é Mambelé — disse, como se tivesse lido sua mente — e vivo aqui desde muito tempo atrás. Querem saber um segredo?

As crianças murmuram um *hum-hum* quase que simultânea.

— Eu realizo desejos. Qualquer um. O que quer que seja, se quiserem, podem pedir um.

Luaty imaginou um milhão de coisas que poderia pedir. Brinquedos incríveis para ele e o irmão. Um gerador, televisores, parabólicas e descodificadores novos. Um montão de cadernos de mola e capa dura, mochilas que nunca estragavam porque sempre que começavam a estudar, essas coisas nunca chegavam. Poderia pedir que a mãe voltasse? Que não os tivesse abandonado?

— Qualquer coisa? — Capita disse, que se aproximou e ficou ao lado de Sílvia.

— Qualquer coisa — Mambelé repetiu. Afastou o pente do cabelo e o balançou.

— Eu quero ser o melhor jogador de todos. Fintar e marcar todos golos.

— Ê! — Mambelé disse. Demorou-se a terminar a frase e fez com que uma língua púrpura que se bifurcava aparecer, como se estivesse saboreando o ar.

— Você pode fazer isso? — Dessa vez foi Nelito quem se aproximou.

— Posso. Mas primeiro, você precisa apanhar o meu pente. Quando conseguirem terão tudo que desejam, simples assim.

Mambelé soltou o pente e o objeto afundou na água escura, soltando respingos e ondulando a superfície.

— É fundo? — Capita indagou.

Não houve uma resposta e ele não pareceu se importar, olhou por cima do ombro e seu olhar se cruzou com o de Luaty. Ele não viu o brilho que os olhos normalmente possuíam, aquela luz que lembrava mármore negro polido. Agora, aqueles olhos continuavam negros, mas desbotados, como pedaços de carvão velhos que passaram noites à chuva.

Ele deu alguns passos, ficou em pé sobre os alicerces de bloco e passou por ele. Mambelé chiou e a seguir Capita desapareceu na água.

SEGUNDO

O silêncio reinou. Não haviam outros sons além do sibilar de Mambelé e o assobiar do vento que erguia a poeira sobre o chão. Luaty notou que a cauda de Mambelé desaparecera e naquele instante, só a parte grossa e com olhos mantinha-se na superfície.

Não sabia quanto tempo havia passado, mas no horizonte o sol desaparecera e o laranja tornara-se vermelho, cobrindo quase todo o céu. As nuvens eram pequenos rabiscos cinzentos tão finos que pareciam impressas ao invés de sobrepostas nele. Não importava onde Capita estava, nem o que fazia, Luaty só queria ser o próximo a ter seu desejo realizado, o próximo a ir buscar o pente. De tantas opções ele havia escolhido a de ter sua mãe de volta. Agora, só precisava achar o pente.

Começou a se aproximar, mas Nelito o deteve, colocando o braço musculoso sobre o caminho. Tinha o mesmo olhar diluído que o de Capita.

— Hové — Luaty falou —, é a minha vez. Quero ser rico igual as pessoas das novelas, comprar bué d'grifes, binas e computadores. Depois quero ver quem vai mais me abusar.

Luaty sentiu um fervor brotar de dentro de si. Uma fúria misturada com inveja, quis lutar e empurrar Nelito ao chão, depois pegaria uma pedra e bateria na sua cabeça até ele entender que era a sua vez. Se não entendesse, furaria seus olhos com os dedos e depois os arrancaria. Era a coisa mais sensata a se fazer, sabia disso.

Mas uma voz diferente da que o incitava a fazer aquilo — uma coisa pequena que estava num lugar bem fundo, e cujo tom era fraco como o sussurrar de formigas —, o alertava que Nelito era muito mais forte que ele, que provavelmente seria ele quem faria todas essas coisas. Luaty odiou ouvir essa voz, parecia com ele e lembrava em muito uma galinha depenada.

Nelito andou até a lagoa e mergulhou. As gotas saltaram e uma delas caiu sobre o lábio de Luaty. Tinha um gosto azedo e cheirava a ferro molhado e era estranhamente quente. O tempo voltou a tornar-se imensurável e dessa vez foi Sílvia quem quis ultrapassá-lo.

— Xé, não! — falou. Esticou a mão e segurou a parte de trás da gola de sua blusa e a puxou para baixo. Sílvia caiu e bateu a cabeça sobre o chão.

Nelito ouviu um riso, um silvo ou talvez até mesmo fosse o vento, não se importou. Começou a caminhar em direção a lagoa e a Mambelé.

Estava de pé sobre os blocos pronto para saltar quando mãos macias e quentes se apertaram sobre seu braço e o puxaram para longe. Ele socou e se debateu enquanto Sílvia o afastava da água, do pente, do seu desejo, da sua mãe.

— Me larga! — gritou.

Continuou a socar, mirando nos seus braços e ombros, sentia os ossos das mãos chocarem com os dela, mas Sílvia continuava a arrastar-lhe. Tinha o rosto numa expressão dolorosa, mas os olhos não estavam iguais aos de Nelito e Capita; Luaty notou, brilhavam.

— É armadilha — ela falou —, armadilha!

A voz que Nelito odiava e que parecia cada vez mais com ele, começou a escalar o poço profundo onde se encontrava, começava a se tornar maior e

mais forte. Ele se debateu ainda mais, conseguiu se soltar e correu até a lagoa. A voz preencheu toda sua mente e voltou a tomar o controlo, a tornar-se apenas um com ele próprio. Mas Luaty ainda corria em direção ao lago.

— PARE! Pare! — disse para si mesmo.

Pisou sobre os blocos e quando Sílvia o alcançou, segurou seu braço, o puxando novamente. Mambelé guinchou furiosa e atacou, projectando a cabeça como a ponta de uma flexa e desencaixando presas do tamanho de braços.

Antes que alcançasse Luaty e Sílvia, embateu em algo invisível e fez os pilares de ferro vibrarem e zunirem em timbres altos. Balançou a cabeça tentando se orientar.

Estava presa, Luaty pensou. Sílvia voltou a puxá-lo para longe, dessa vez ele não ofereceu resistência e correram.

— Sílvia! — a voz Mambelé ecoou — Volte aqui. Só eu posso fazer ele parar de machucar você. Só eu posso fazer. Sabe que quer, você sabe. Voltem os dois.

Correram para muito longe e ainda ouviam os gritos de Mambelé. Luaty sabia que de agora em diante, por mais que estivesse longe dele, longe do próprio Mambroa, a voz arrastada e ofídica ainda sussurraria em seus ouvidos, prometendo coisas.

• • •

Saíram do Mambroa e desceram a estrada de terra batida e coberta de lixo. Havia escurecido e apenas as luzes diminutas e cintilantes das estrelas os separavam da completa escuridão.

Primeiro viam apenas os eucaliptos enormes ao redor, a seguir as casas de um lado e as barracas vazias feitas de paus, barro e chapas do outro. A praça estava vazia, mas ainda haviam algumas pessoas carregando coisas com seus carrinhos de mão que rangiam em protesto do tempo. Haviam também as que discutiam e ofendiam umas as outras e aquelas que andavam de um lado para outro gritando descontos de fim da tarde sobre velas, fósforos e bolinhos.

Sílvia continuou puxando Luaty, obrigando-o a correr quase tão rápido quanto ela. Pararam num portão verde musgo enorme. No cimo dos

muros haviam lâmpadas que lembravam berlindes opacos e projectavam luzes amareladas sobre quase toda a rua. Era a única casa com luz desde a praça até a loja do maliano no final da rua. Havia um som abafado de motor trabalhando e sobre isso, cachorros que haviam cheirado sua presença e latiam.

— E esses? — Luaty falou.

Respirava pesadamente. Ele não queria falar o nome dos amigos. Não entendia bem o porque de não os ter impedido, nem onde estavam agora. Tudo parecia um pesadelo. Ouviram passos e ele soube que estava prestes a piorar.

O portão foi aberto e uma sombra quase tão grande como Mambelé projetou-se sobre eles.

— Onde você estava?

A luz incidiu sobre ela e dissipou a escuridão. Era o pai de Sílvia, tio Barroso. O rosto carrancudo e bruto como um pedregulho os encarava. Usava uma camisa branca que delineava seus músculos monstruosos e calças militares que terminavam dentro de enormes botas negras de couro.

— Responde, merda! — voltou a falar. Puxou Sílvia pelo braço e arrastou-lhe para dentro de casa, ela caiu sobre o piso pavimentado do quintal e Luaty acreditava que esfolara os joelhos.

— Estava na casa do Luaty — ela disse. A voz começava a empapar.

Luaty quis dizer ao pai dela que era verdade. E talvez isso a ajudasse, mas quando encarou o olhar cortante do homem, tudo que conseguiu fazer foi engolir saliva e respirar, e mesmo isso lhe custou bastante.

O homem continuou a encará-lo como um cão encara um gato ou um gato encara um rato. Havia desprezo, fome e desejo de ver as vísceras sobre o exterior. No entanto, não houve troca de palavras e Tio Barroso fechou o portão.

Luaty soltou uma baforada de ar, aliviado. Ouviu a voz abafada do homem a gritar a filha que já avisara para não andar com esse tipo de crianças. Que eles eram sujos e burros e queriam apenas deflorá-la, seja lá o que isso significasse.

Ele começou a andar, passou pela loja iluminada do maliano e depois

pela pequena capela da Santa Ana, onde frequentava a catequese aos sábados e desceu a rua. O quintal de sua casa ficava sobre um terreno elevado. Luaty subiu os degraus de concreto do quintal, empurrou o portão velho e entrou. Estava seguro.

Seu pai estava sentado à mesa de jantar no centro da sala e sobre o outro extremo dela, pousava a lanterna à pilhas que projectava sua luz sobre talheres, pratos e tigelas. Luaty saudou o pai.

— Boa noite — ele respondeu —. Desde às doze horas a jogar bola?

— Sim.

— Quem ganhou? — Notou interesse no tom de voz do pai. Mas Luaty não queria falar sobre isso, nem se sentia vencedor. Sequer tinha orgulho de ter sobrevivido a experiência assustadora no Mambroa. Era só um monandengue medroso demais até para defender a amiga do pai.

— Nós — disse e dirigiu-se para o corredor.

— Vem comer — o pai chamou.

— Não estou com fome. Já comi catorrinho.

O pai não insistiu. Sabia como aqueles bolinhos podiam ser empanturrantes e não duvidava se o filho tivesse comido. Era quase uma tradição comer catorrinhos após o término de um jogo.

O corredor era iluminado por uma vela, a cera derretida começava a se acumular no piso de cimento. Luaty abriu a cortina que cobria a entrada do seu quarto e deitou-se sobre a cama. Sentiu o corpo e o calor que emanava do irmão menor e beliscou-lhe o braço para saber se ele estava realmente dormindo. O irmão murmurou, se debateu e voltou a se acalmar. Ele quis acordá-lo e mandá-lo dormir em sua cama, mas estava feliz demais por tê-lo por perto porque com ele aí, sabia que não estava sozinho. Pensou nos amigos e em como suas famílias estariam aflitas tentando descobrir onde estavam e muito tempo depois, sem perceber, acabou por adormecer.

TERCEIRO

Em seu sonho, arquejava e soltava guinchos enquanto caminhava, coxeando. A marcha afetada fazia as pedras no chão soltarem estalidos. A

dor em sua perna direita se distinguiu de todas as outras em seu corpo. Era uma dor profunda e pulsante que irradiava da pelve até o joelho como uma corrente eléctrica que o percorria, queimando e endurecendo tudo pelo que passava.

Havia uma outra coisa ali que parecia diferente de tudo que já sentira ou presenciara. Por mais que tentasse descobrir o que era, Luaty não conseguia.

Uma imensa cortina negra e espessa cobria todo o lugar, mas ele soube, quase de imediato, onde se encontrava. O vento assobiava e arrastava as folhas, carregava gotículas de líquido tépido e com um odor forte que lhe manchavam o rosto e os braços descobertos.

Um riso ecoou e ele viu os olhos dourados e fendidos. Olhos que lhe dividiam a mente, separando-a em pedaços. No entanto, dessa vez, não havia uma parte que tentava o alertar sobre o perigo que estava correndo, aquela coisa minúscula que murmurava dentro do poço estava silenciada. Todas as outras queriam a mesma coisa; que seu desejo se realizasse.

— Busque o pente, criança. — Sibilou — Consiga o pente e terá o seu desejo concedido.

Qual era mesmo seu desejo? Tinha alguma coisa a ver com o seu pai. Dolorosamente, Luaty começou a caminhar para perto da lagoa ao mesmo tempo que pulava os alicerces de bloco, a dor, o frio e o odor ácido afastavam-se de si. Ele viu o dorso de alguém sentado na beirada da lagoa, dentro do limite da prisão de Mambelé. As tranças finas e ornamentadas com missangas pendiam sobre os ombros, as mãos levemente engrossadas e perfeitamente esféricas servindo de apoio. Ouviu o chacoalhar dos pés na água, mas nem isso sentiu.

Algo cintilava sobre o que ele achou ser a testa dessa pessoa; refulgia e pulsava como um coração em tons de vermelho e púrpura. Ela moveu o rosto de um lado para o outro, como se estivesse procurando alguém. Luaty viu que a luz brilhava sobre o meato entre as suas sobrancelhas, se tornando cada vez maior. A luz o impedia de ver os olhos, mas sabia que haviam perdido o brilho, a lógica.

Ouviu-se o som de um corpo mergulhando na lagoa e em seguida a presença de Mambelé se dissipara, mas Luaty continuava ali, na escuridão. Foi então que ele percebeu o que tanto lhe parecia diferente. Era sua pró-

pria mente, sua alma, habitando outro lugar, outro espaço além do seu corpo, era essa a coisa estranha. Essa compreensão quebrou alguma coisa, ele sentiu, algo que parecia sagrado e que deveria se manter impercetível. Era como se tivesse descoberto que estava sonhando ainda dentro do sonho.

Acordou confuso e coberto de suor. Olhou ao redor e suspirou de alívio ao perceber que estava em seu quarto, deitado na sua cama. O sonho começava a se esvaír da mesma forma que a escuridão da madrugada; lentamente até não o importar mais.

Edgar, seu irmão, ainda dormia ao seu lado. Luaty ouviu vozes e se levantou, andou até o corredor, encostou-se a ombreira da entrada e espreitou para ver quem era. Seu pai estava de costas conversando com uma figura enorme na porta. Seus olhos se habituaram a claridade que vinha da porta e notou que era Tio Barroso.

— ...Não está aqui. — ouviu seu pai dizer.

Tio Barroso ergueu o olhar e viu Luaty, os olhos faiscaram. Seu pai seguiu o olhar dele e virou o corpo.

— Luaty — chamou —, você tem alguma ideia onde Sílvia possa estar?

Ele fez que não com a cabeça, mas Tio Barroso não pareceu acreditar. — Aproxime-se — disse num tom gelado.

Luaty concluiu que aquele tio só sabia falar desse jeito. Andou até lá e parou ao lado do pai. Observou a montanha que estava bem a sua frente. Ainda calçava as botas militares, mas havia trocado a calça por uns *jeans* desbotados.

— Você tem certeza? — Tio Barroso disse.

Luaty demorou um pouco para perceber que era à ele que dirigiam a questão. Sua atenção havia sido capturada pelas mãos peludas e enormes do homem e pelas marcas vermelhas e rosadas cobriam as dobras dos dedos da mão direita.

— Luaty — O pai chamou —, responda.

— Não sei — murmurou. Saiu dali e voltou ao quarto.

Sabia onde Sílvia estava. Se é que ela estivesse mesmo ali. Quando mergulhavam na lagoa onde eles iam? Era tão fundo? Primeiro Capita e Nelito, agora Sílvia também estava lá. Porque que ela voltaria? Porque que haveria

de regressar para aquela coisa?

Talvez Mambelé fora atrás dela, arrastou-a até ao Mambroa e insistiu que pedisse um desejo, uma voz disse dentro de si.

Não. Mambelé estava presa lá, não podia sair, ela influenciava, fazia você desejar uma coisa, mas não podia obrigar você a fazer. Luaty percebeu isso.

Pensou nos motivos que fariam Sílvia voltar para lá. Mas haviam vários. A cobra dava uma oportunidade de alcançar tudo que sempre desejaram. Ele próprio conseguia pensar em pelo menos dez coisas que o fariam voltar a encarar aquilo, embora bem no fundo soubesse que nunca o faria porque era medroso demais.

Ele pensou nas mãos feridas do pai de Sílvia. O que tinha acontecido? Sílvia costumava aparecer com machucados bem feios, claro que todos eles já haviam sido surrados pelo pai ou pela mãe. Mas a surra que Sílvia levava, às vezes, era pior. Ela dizia que lutara no colégio onde estudava, outras vezes não aparecia durante meses e quando voltava, havia sempre um machucado novo. Quase todas crianças sabiam e riam disso. Sílvia lhe batiam bué, diziam.

Luaty e as outras crianças faziam de tudo para evitar que os pais lhes batessem. Desde a colocar palitos de vassouras no meio da cabeça, porque supostamente fazia os pais se esquecerem de bater neles, à chegar tarde e acompanhado para que não tivessem coragem de os surrar na frente das visitas. Às vezes resultava e outras não.

Ele lembrava que naqueles dias, o que mais lhe irritava era a sensação de embrulho na barriga, o suor na testa, mãos, costas e o zumbido nas orelhas. Quando faziam todos aqueles rituais, não era apenas para evitar a surra, mas também esse sentimento desconfortante.

E se Sílvia lhe batiam tanto — pensou—, ela também sentia muito isso. Ia fazer qualquer coisa para evitar.

Era isso que ela fez. Com certeza era isso. E agora? O que ele deveria fazer? Contar aos pais? Não. Ele mesmo deveria ir buscá-la. Devia isso à ela. Talvez se a tivesse defendido na frente do pai ela não teria fugido. Era responsabilidade dele agora, tal como ela o trouxera, mas não só a ela, a todos. Ele iria até o Mambroa, mergulharia naquela lagoa e apanharia o

pente dourado. Desejaria que os amigos voltassem, mesno que isso deixasse o seu desejo de ver a mãe que o abandonara quando criança para nunca.

Convencido e com uma euforia que fazia seu corpo formigar, Luaty calçou os sapatos e vestiu um casaco preto com encapuzado. Abriu a janela do quarto e o ar frio afagou-lhe o rosto e fez os olhos arderem. Antes de sair por ela, olhou o irmão por cima do ombro e teve, mais uma vez, a vontade de acordá-lo e mandá-lo sair da sua cama.

• • •

Era difícil, mas ele continuou se aproximando.

Quando saiu de casa parecia decidido a fazê-lo. Achou que aquela estranha sensação que apaziguara seus medos se havia tornado parte de si; que brotava sempre que precisasse de forças, sempre que a dúvida ou o medo rondassem sua mente. Mas estava enganado.

Tremia de medo agora que estava a alguns passos da lagoa. A pequena camada de tecido negro e transparente que precedia alvorada se havia dissolvido e os pássaros piavam e batiam as asas perto dali. A vida estava a voltar, após a longa escuridão, a se manifestar.

A água no centro da lagoa começou a borbulhar e a cabeça enorme de Mambelé emergiu lentamente, seguida pelo seu corpo. O cabelo branco estava colado na lateral e a pele escamosa cintilava...

Luaty desviou rapidamente o olhar porque não queria ser influenciado. Sabia que se fosse, seu desejo mais profundo seria o realizado e ele não teria os amigos de volta. Faria com a própria vontade. Com sua própria coragem e talvez assim deixasse de se sentir um falhado.

— Não achei que voltaria — sibilou.

Luaty viu, pelos cantos dos olhos, a outra parte do corpo emergir enrolada sobre o pente.

— Você sabia que eu viria — vociferou.

Mambele fez um som que pareceu uma risada, mas que soara como o apito de panela de pressão. — Todos acabam por voltar. Eu sabia. Sei também o que se passa na sua cabeça. Olhe pra mim — disse. Mas Luaty não o fez. Vai gastar seu único desejo para reaver seus amigos? Isso é um desperdício, desejo algo que realmente queira.

— Não! Eu quero meus amigos.

— Olhe bem, sua Sílvia não tentou desejar que eles voltassem, ao invés disso queria que eu matasse o próprio pai — fez uma pausa. Luaty viu, de soslaio, a cabeça da cobra mirar atrás de si, do lugar de onde ele viera. — Claro que eu farei isso. Não preciso de conceder um desejo para fazer isso, mas mesmo assim ela queria algo para si, para o próprio bem.

— Você a enganou — falou —, enganou todos nós.

Mambelé chiou por muito tempo antes de voltar a falar. Passou o pente por sua crina durante esse tempo todo.

— Sabe, esse lugar já foi meu, completamente meu. Eu visitava as pessoas, concedia desejos a algumas e me alimentava das outras. Era respeitada e reverenciada, depois vieram os trabalhadores e tentaram construir isso. Um a um eles me encontraram e eu lhes concedi desejos. Até que um deles desejou que eu ficasse preso aqui para sempre. Afirmou que eu era um monstro e que precisava proteger as pessoas. Construiu essa prisão — as últimas frases foram proferidas com tamanha fúria que o som se parecia ao de uma lâmina cortando ferozmente o ar.

— Agora, eu apenas concedo milagres quando se arriscam o bastante para consegui-los. Venha buscar o pente, criança, e talvez tenha seu desejo realizado. Seja ele qual for.

Mambele desapareceu sobre a água negra da lagoa.

É fundo? A voz de Capita ecoou pela sua mente. Naquela altura o amigo não se importara com a profundidade, estava hipnotizado por Mambelé. Ele próprio não se importara com isso, e se não fosse Sílvia, ele estaria em algum lugar dentro daquela lagoa. Talvez procurando ainda o pente, ou pior, morto.

Ele precisava fazer isso por ela, retribuir o favor.

As mãos tremiam e a camisa estava completamente grudada em seu corpo, apesar do frio que fazia. Os sons eram abafados pela ribombar do coração em seu peito que se alastrava até as laterais da cabeça. Parecia que ele estava ficando menor, encolhendo diante de toda aquela responsabilidade.

A custo, começou a caminhar. Ficou de pé sobre os blocos e andou até

a beirada, encarando a superfície da lagoa que lembrava espelhos falsos: vidros nublados que refletiam de um lado e do outro eram transparentes. Questionou se Mambelé conseguia vê-lo, pois Luaty só via a si: Um rapaz mirrado com a pele no tom de ferro fundido, braços finos e compridos como canas-de-açúcar, vestindo um capuz escondendo o cabelo cortado rente. Era uma visão familiar e ao mesmo tempo completamente estranha, ele parecia mais velho refletido naquela superfície, como se toda essa experiência tivesse acelerado seu crescimento. Como se aquele ali fosse seu eu futuro esperando para ver se existiria realmente ou não. No entanto, o que determinaria sua existência? A covardia ou a coragem? Se Luaty desistisse, esse seu eu futuro viria a existir?

Ele saltou, sentiu umas mãos grossas agarrarem seu ombro e depois a gola do casaco. Dos pés até a cintura estava mergulhado na água, mas das suas costas para cima estava na superfície.

— O que você está fazendo? — Ouviu a voz bruta de tio Barroso.

Tinha sido seguido. Ele não o ouvira se aproximar. Devia ter olhado para trás e ver de estava sendo seguido. Luaty quis dizer ao homem que não devia tê-lo seguido, mas no mesmo instante sentiu algo roçar seus pés.

A água morna jorrou para todos os lados, Mambelé emergiu novamente, Luaty viu-a desencanaixar suas presas enormes e crava-las no ombro do homem. Ele urrou de dor e o soltou. Antes que afundasse completamente, Luaty ouviu o som de ossos quebrando e o grito de dor do pai de Sílvia cessar.

Começou a ficar mais escuro e quente e, a seguir, ele notou algo assustador: vazio e imensidão. Aquele lugar era enorme, sentia-o em sua pele, em seus ossos e em sua mente. O gosto na boca era horrível, seus olhos ardiam e o ar estava lutando para sair fazendo seu peito doer. Ele não tentou nadar, estava demasiado inebriado com o vazio.

O sentimento começou a desaparecer e ele soube o porquê, agora também a sentia: Mambelé estava ali. Era maior do que parecia, extensa, infinita talvez. Luaty sentiu o corpo dela enrolar-se sobre si mesmo, preenchendo o vazio.

Ele concentrou-se e tentou achar o pente.

“*Seus amigos também tentaram*”, ouviu a voz dela dentro de sua mente.

Algo cintilou. Estava em baixo de si. Ele começou a nadar, seguindo a luz que refulgia em sua mente.

“Mas é impossível. Vocês nunca tiveram sequer uma hipótese de apanhá-lo. Eu fiquei aqui por anos e anos, faminta. Com raiva, decidi que nunca mais facilitaria as coisas.”

Achava que estava próximo, mas não o bastante. Continuou a nadar, a pressão comprimia-lhe o peito e o crânio, estava a ser obrigado a respirar.

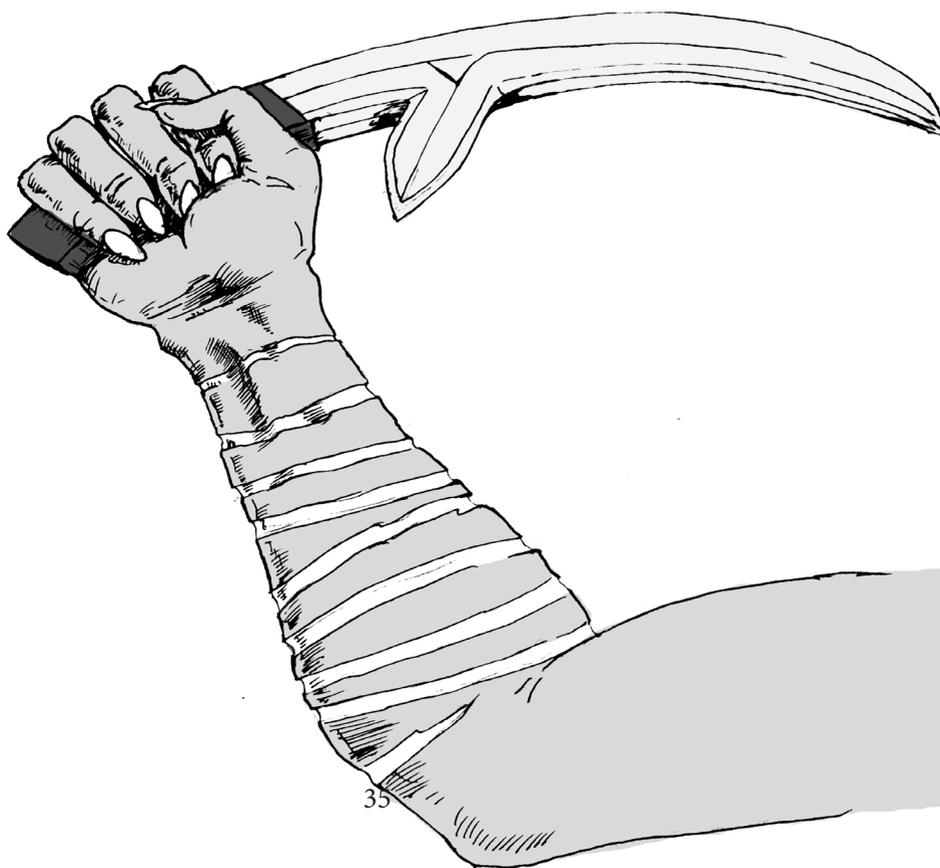
Estava ficando cada vez mais difícil, risos ecoaram por sua mente. A luz estava mais forte, muito mais forte. Dourada como o sol da tarde.

Mais um pouco, pensou. Não conseguia mais segurar a respiração e abriu a boca tentando conseguir ar. Mas não havia ar, a água morna preencheu-lhe a garganta e o sufocava. Luaty começou a se debater.

Sentia que o pente estava bem abaixo de si. *Só mais um pouco* — pensou —, *mais... um... pouco*. Tentou agarrar o pente enquanto se afogava e ao mesmo tempo pensava no desejo.

Um outro vazio embalou-o. Esse ele só sentiu no início.

MUMUXI, A CAÇADORA DE FEITICEIROS



Eu me espremi por entre as pessoas para ver a mulher chegar.

A notícia viera do Norte três dias atrás, todos estávamos ansiosos e um pouco assustados. Ninguém nos poderia culpar, com tanta coisa que estava a acontecer, uma mumuxi causaria tanta conclamação quanto o que ela veio caçar.

Eu estava encostada em um dos muros brancos e sujos de areia vermelha — tudo aqui tinha uma camada de poeira vermelha — que cercavam toda a aldeia. Os muros Chegavam até aos meus ombros agora; eu havia crescido muito e com certeza a mumuxi não pensaria duas vezes em aceitar-me. Vestia meu melhor traje de pano, um vestido longo estampado com círculos brancos, triângulos, losangos, pirâmides vermelhas e amarelas que combinavam com os adornos das minhas tranças finas. Sobre os meus pulsos, pulseiras feitas de missangas multicoloridas e linha tilintavam toda a vez que mexia meus braços. Muito barulhentas, mas fazia tudo parte do meu plano.

Eu não me importava com os risos e as vaias das outras crianças, nem com o balançar de cabeça desaprovador das moças. Em breve todos me respeitariam, teriam medo até de olhar nos meus olhos.

Mais em frente, um caminhão passou veloz pela estrada de terra batida levantando uma cortina espessa de poeira. Virei meu rosto, fechei os olhos e sustive a respiração enquanto passava por nós. Eu não gostava da poeira e tentava ao máximo não inspirá-la. Ninguém se importava muito com ela nessa altura do ano, mas quando as primeiras chuvas chegavam e as crianças ficavam todas constipadas, todos pareciam notá-la.

Quando não conseguia mais conter o fôlego e respirei, havia um cheiro estranho no ar; era forte e irritava meu nariz, mas não era insuportável nem nauseante, lembrava cedro e carne seca. Os murmúrios aumentaram.

Abri os olhos e vi a mulher entrando.

— É ela — disse uma voz masculina.

— Você a viu chegar? — outra pessoa falou.

— Ngana Nzambi! Apareceu do nada! — uma outra pessoa exclamou.

Ela se aproximou a passos curtos. Trajava um manto negro enorme com um capuz que cobria seu rosto. Tranças longas, grossas e castanhas que lembravam raízes desaguavam do lugar de onde devia estar seu rosto. Usava sobre tudo, algo feito de pelo de cabrito e pedaços de tecido de ráfia bordado. Sobre as costas carregava uma enorme mala.

Um homem alto e magro vestindo roupas de um amarelo creme saiu da multidão e se juntou a mulher. Era o soba Safeka, o líder da aldeia. Atrás de si, juntaram-se os anciões.

— Okwiya Kuwa! — disse Safeka a mulher. Não a ouvi retribuir a saudação.

— Sabemos que deve estar cansada, sim, mas precisamos conversar sobre sua visita. Não achamos que precisamos de uma mumuxi para ... — Ele falava alto demais, mas eu não estava a prestar mais atenção. Minha barriga roncava e minhas têmporas latejavam.

Eles estavam se aproximando — pensei —, é agora. Sacudi as mãos para afastar o medo e comecei a caminhar pela multidão quando senti alguém me puxar de volta.

— Mona — disse a criança. Apertava as duas mãos sobre meu pulso e comprimia as pulseiras na minha pele.

— Me larga ainda, Kidi.

— Estão a te chamar na mamã, agora.

Tentei soltar-me, mas Kidi havia se fixado bem. Em frente a mulher, Safeka e os anciões estavam se afastando.

— Eu já vou — falei. Tentei novamente, mas esse miúdo barrigudo parecia ter comido pedras.

Parei de me debater. Sabia que havia perdido minha oportunidade. Se corresse para alcançá-la seria impedida pelos anciões e pelo Safeka. Ouvi dizer que ela nunca olhava para trás, nenhuma delas olhava.

— Se for mentira vais ver o que te vou fazer — ameacei.

Ele soltou minha mão e comecei a andar para casa na sua companhia. *Tentarei outra vez amanhã*, pensei.

Kidi não estava a mentir. Minha mãe estava a chamar-me para ajudar a preparar o jantar. Não reclamei e nem disse nada enquanto temperávamos a galinha e preparávamos o lombi. Estava furiosa e com vontade de gritar com todos, mas como ninguém sabia de minha ideia de me juntar às mumuxis e nem tinha ânimo para discutir sobre isso — ou levar ralhete sobre o que mulheres da aldeia deviam ou não fazer —, me mantive calada.

Minha mãe devia ter notado minha carranca.

— Então... — disse, quebrando o caule de uma das folhas de lombi e começando a desfiá-lo — você viu a feiticeira?

— Ela não é feiticeira mamã, é uma mumuxi. — falei irritada

— Ai, é? E qual é a diferença.

Não respondi. Eu mesma não sabia. O facto é que ninguém gostava de falar sobre isso ao que eu sabia muito pouco. O que ouvi devia-se aos três dias de conversas causadas pela notícia da chegada de uma mumuxi. Se eram diferentes das chamadas feiticeiras ou feiticeiros eu não sabia o porquê.

Mas também não admitiria isso em voz alta. A mamã gostava de se armar em sábia e quando se dava muita corda ela se tornava insuportável.

— Já é tarde — falei —, não se conversa sobre isso a noite.

Ela sorriu, mas concordou com a cabeça. Se há algo que os habitantes dessa pequena aldeia vermelha sabem fazer, é evitar falar sobre as coisas estranhas que aconteciam bem debaixo dos seus narizes.

Todas as mortes, gritos e vozes estranhas que rondavam as ruas a noite e nalgumas vezes batiam as portas, eram esquecidas no dia seguinte.

O vento estava forte ontem, diziam umas as outras, como se isso explicasse os pedidos de ajuda e os arranhões nas portas.

Eu me sentia diferente aqui. Não apenas porque gostava de conversar sobre essas coisas, mas porque quando acordava, eu tinha conhecimento de tudo que havia acontecido na noite anterior. Desde o cadáver sem olhos

e órgãos encontrado na velha — e quase seca — cacimba às seis horas da manhã, ao pássaro gigante que visitava frequentemente a maioria das pessoas que nunca mais acordavam. Ninguém me contava isso, eu apenas sabia. Esse era o meu segredo e a razão pela qual eu queria me tornar uma mumuxi sem saber quase nada sobre elas. Achar uma resposta para isso.

Uma hora depois, o jantar estava pronto. Funge de munho com carne de galinha e lombi de abóbora. Nós os três nos sentamos à mesa e comemos.

SEGUNDO

Naquela noite voltei a sonhar com o Katchukuchuku.

Dessa vez ele estava sobre o corpo nu de uma mulher. Afundou o bico comprido e brancacento nos olhos dela, remexeu a cabeça e quando o puxou fez respingar uma linha fina de sangue. Eu não sabia onde estava, tudo que podia enxergar era aquela cena e as sombras disformes que calculei serem árvores.

Ele fez o mesmo com o outro olho e depois arrancou a língua da boca da mulher. Tive ânsia de vômito e dei três passos para trás. O pássaro engoliu o órgão, abriu as asas parecendo ainda mais grande, bateu e começou a se erguer do chão. O vento forte fez as tranças da mulher balançarem e uma delas acabou entrando na boca que estava muito aberta e cujo maxilar inferior pendia para o lado.

O pássaro cravou uma garra grossa no peito da mulher, entre os seios, e arrastou até ao ventre, imaginei um som idêntico ao que se escutava quando a faca rasgava a barriga dos cabritos que o tio Ekukui matava. Ele começou a bicar o peito dela.

Abaixei o olhar e vi uma pena do tamanho de um sapato de adulto no chão; era vermelho sangue e parecia resplandecer. Toquei sem pensar e ouvi o mais agudo rugido de toda minha vida. Os meus ouvidos doeram na pulsação de um coração cheio de medo.

Olhei para frente e podia ver aqueles olhos amarelos e brilhantes que atentamente me encaravam. Senti o sangue arrefecer no meu corpo e de repente, todos os outros sons e movimentos eram perceptíveis. Meu coração batia forte no peito e parecia prestes a sair pela minha garganta; meus joe-

lhós fraquejaram e fiquei prostrada ali, sem forças para fugir.

Ele veio atrás de mim como uma bala. As enormes garras em frente do corpo e mirando o meu rosto. As missangas das minhas tranças tilintaram com a ventania provocada pelo bater das asas.

À metros de mim, um outro som se sobrepôs ao bater das asas; metal fendendo o ar. O pássaro guinchou alto e foi jogado para longe. Arfei e me levantei rapidamente sem entender nada.

Uma figura passou veloz perto de mim, deixando um leve aroma no ar. Reconheci imediatamente.

Ela era rápida demais para ser acompanhada pelos meus olhos. Eu apenas conseguia enxergar pequenas coisas como tranças compridas flutuando e ouvía sons metálicos. O pássaro revidava usando as garras e o bico, grasnava de dor e de fúria. Seus golpes eram nítidos, diferentes dos da outra figura que eram sempre acompanhados por um borrão colorido. O pássaro desistiu e voou para longe, a figura, que notei ser uma mulher, o seguiu.

Antes que pudesse perceber, estava sozinha com o corpo estraçalhado a metros de mim. Senti uma pancada no peito e minha visão ficou turva. A segunda batida me jogou para trás.

Acordei resfolegando. Tremia de frio, mas todo meu corpo e roupas estavam inundados de suor. A luz da manhã entrava pela janela e se difundia nas cortinas, inundando o quarto com um tom arroxeadado. Pássaros guinchavam algures lá fora, esses eram inofensivos, eu sabia isso.

Levantei e senti uma cócega na palma da mão. Achei que fosse algum animal e joguei para longe, sentindo um arrepio percorrer minha espinha. Minha visão ficou desfocada com o susto, quando passou, olhei ao redor procurando o animal e apenas vi a pena vermelha sangue pousada no chão.

Como aquilo estava aqui? Eu sabia que havia sonhado com o animal, tinha a certeza disso. No entanto, a pena continuava ali, não importava quantas vezes eu piscava os olhos. A pena era real.

Depois de ficar ali parada por quase meia hora olhando para a pena, decidi que não pensaria mais nisso. Peguei nas minhas coisas junto com uma banheira e sai do quarto. Caminhei devagar pela sala para não acordar ninguém. Abri lentamente a porta, olhei em volta e depois para o chão

observando se não havia nada de estranho como pó branco, tala, sendo ainda mais específica. Minha mãe insistia que devíamos fazer sempre isso antes de pisar fora de casa de manhã. Saí e fui tomar banho.

Após o banho, preparei o matabicho: chá de soja e pão. Acordei o Kidi e coloquei pedaços de pão no chá dele, da forma grotesca de que ele gostava. Nunca entendi o porquê de algumas crianças gostarem daquilo. Pareciam estar a comer vômito de cão. Tomei meu chá e saí.

Poucas pessoas estavam acordadas, cumprimentei algumas. As mulheres não pareciam mais irritadas com a minha vestimenta. Usava uma blusa branca e calças *jeans* pretas. As bolinhas multicoloridas continuavam em minhas tranças e eu só as pensava em tirar no final do mês.

Andei por quase toda a aldeia antes de encontrar o que procurava. A tenda era enorme, feita de algum tecido verde no tom das folhas de goiaba. Estava afastada de todas as casas da aldeia. Na verdade estava afastada de tudo. Ficava numa área atrás das casas, próximo ao galinheiro de Safeka.

Toquei a pena em meu bolso e me esqueci do que havia ensaiado. Fiquei assim por alguns minutos, pensando se batia ou iria embora. Por fim ouvi uma voz dentro da tenda me dizendo pra entrar.

Era a voz mais dócil que eu já havia ouvido. Além disso, notei também que o seu modo de falar era diferente do nosso.

Entrei com a motivação renovada. A mulher estava sentada no centro da tenda atrás de uma pequena mesa desmontável. Limpava uma espada com várias lâminas; duas na retaguarda que se projetavam numa maior. Era um mambele, eu já tinha visto alguns na casa de minhas amigas, mas eram todas velhas e enferrujadas, serviam apenas para enfeitar a sala, essas eram diferentes. Cintilavam com um brilho prateado e só de olhar para elas que pareciam estar a cortar os meus olhos.

Outras coisas chamaram minha atenção, havia tanto para olhar. A maioria das coisas eu não sabia para que serviam, como chifres de nyalas, couro de porco seco e ainda com os pelos. Outras eram totalmente familiares; um fogão de uma boca, cabides e espelhos negros.

— O que você quer? — perguntou a mulher, a voz ainda suave e bela.

Sentei-me sem sua permissão em uma das almofadas, ficando de frente com a mumuxi. As tranças grossas dela estavam emaranhadas numa única

e mais grossa trança que descia por seu ombro e repousava em seu colo. Estava quase nua, seu corpo coberto apenas por um fino tecido branco transparente de onde se viam seus seios fartos e mamilos pontudos enegrecidos.

— É feio olhar — disse ela. Eu balancei a cabeça e murmurei um pedido de desculpas.

A forma como ela falava era mesmo diferente, pensei. Ela tinha um sotaque congolês carregado. Pensei em me apresentar, mas o que saiu foi:

— Você estava lá.

— Onde? — indagou ela.

— No meu sonho. — falei — Lutaste com o Katchukuchuku.

A mulher abriu os olhos que pareciam de corujas — e que tinham mais alguma coisa que eu não consegui decifrar —, inclinou a cabeça pensativa, murmurou algo numa língua que não conhecia e depois falou como que para si mesma.

— Você lembra — ela pousou o mambele sobre a mesa. Ao redor dos seus braços, cicatrizes se amontoavam como pulseiras e iam até o cotovelo. Eram tão precisas que eu soube que não haviam sido ferimentos acidentais.

— Você sabe me dizer de que cor são os meus olhos?

— Amn?

— Meus olhos, sabe me dizer a cor dos meus olhos?

Fiquei meio atordoada com a pergunta até perceber que era um teste. Encarei-a por alguns minutos. Quis dizer preto, minha mente dizia preto, meus próprios olhos diziam preto, até minha língua se mexia na boca tentando soletrar preto. Mas não o disse, havia algo mais.

Continuei encarando a mulher, os olhos faiscavam e rodavam. Brilhavam em tons de vermelho, roxo, branco, castanho e amarelo, como as cores das minhas missangas. Então eu soube a resposta e quase não conseguiu exteriorizá-la de tão forte que meu coração batia.

— Não têm cor — comecei, engolindo uma lufada de ar. A certeza desapareceu e a dúvida se instaurou. Me obriguei a continuar —, seus olhos refletem as outras cores mas não possuem uma própria.

Ela sorriu e eu quase cai de costas. Como uma mulher podia ser tão bonita?

— Qual é seu nome?

— Mona.

— Muito bem Mona, meu nome é Kurli.

— Que significa...

— Nada. Não significa nada. Nomes precisam de significado tanto quanto um peixe precisa de nariz.

— Mas minha mãe disse que era importante saber o significado dos nossos nomes porque assim saberemos o que futuro nos reserva.

— Sua mãe é burra.

Fiquei furiosa e me levantei. — Minha mãe não é burra! — grasei.

— Ela também não parece ser esperta. Nomes só são nomes, não têm nada a ver com o futuro de alguém — Kurli falou. Ficamos nos encarando por alguns minutos. Não consegui manter o olhar e desviei.

— Agora me diga o que veio fazer aqui, Mona, cuja mãe não é burra.

Eu já não queria mais dizer o que me havia trazido ali. Estaria a me rebaixar, aquela mulher havia ofendido minha mãe, minha família. Daqui em diante ela só deveria receber desprezo.

No entanto, senti a pena roçar em minhas mãos e lembrei de tudo que eu via. Ninguém além de Kurli saberia a resposta e se soubessem não a compartilhariam, não nessa aldeia.

Então... — pensei —, *talvez fosse preciso se rebaixar.* Voltei a sentar e falei:

— Sei que você é uma mumuxi, uma caçadora de demónios, quero que me ensine também. Deixe-me ser sua aprendiz.

Kurli pensou bastante. Pegou a caneca que estava ao lado e bebericou um pouco do líquido que estava nela, sem me oferecer um pouco. Claro que eu recusaria, mas mesmo assim era dever do anfitrião.

— Não — disse por fim.

- Mas você me testou e eu passei, não é?
- Sim.
- Então porquê que não podes me ensinar?
- Por vários motivos.
- Quais?

Ela me encarou. Seus olhos refletiram a cor de minha pele clara como barro. Sorveu o ar duas vezes pelo nariz e disse:

— Você ainda não cheira a sangue, é imatura. Se ensinasse você, seria o mesmo que ensinar a um homem. E isso eu nunca farei.

Senti como se tivesse levado uma pancada no peito.

— Não sou homem. Não sou imatura — falei, me sentido ofendida —; sou uma mulher, tenho quase doze anos.

— Tire sua blusa.

— Não! — berrei e coloquei minhas mãos ao redor do peito.

— Seus seios doem?

— Não! — gritei e percebi que havia respondido a sua pergunta, depois acresci: — Quer dizer, não vou responder isso.

— Então você não é uma mulher, é uma criança. Esqueça isso... pelo menos até a sua primeira menstruação. E depois venha a minha procura — disse e não voltou a falar mais nada.

Eu saí de lá às pressas, meus olhos ardiavam e não queria que ela me visse chorar. Fiquei escondida atrás de uma árvore de manga, segurando a pena na mão e a chorar por muito tempo. A aldeia estava agitada, muito agitada, mas eu não me importava com isso agora. Fosse lá o que fosse, eles acabariam por esconder ou talvez eu já soubesse.

• • •

— Então estás aqui. — Uma voz familiar disse. Passei rapidamente o ombro sobre os olhos e limpei as lágrimas.

— O que foi? — Otilio questionou. Sentou-se a frente de mim.

— Nada — falei e o encarei.

Ele inclinou levemente a cabeça e uma das suas orelhas pareceu maior e mais pontuda do que o normal.

— É por causa da professora Idalina?

— O que tem a professora Idalina? — indaguei a voz empapada.

— Lhe encontraram morta lá nas mangueiras, falaram que estava sem roupas e não tinha olhos.

TERCEIRO

Só foi possível ver o local onde estivera o corpo da professora Idalina quando já se fazia tarde. Alguns dos adultos ficaram lá de guarda e não deixaram ninguém passar. Após muitas horas eles foram embora e eu aproveitei aquele momento.

Não havia corpo ou uma outra coisa que se assemelhasse ao meu sonho. Nenhuma pena, parte de órgãos ou pedaços de roupas de Idalina ou talvez de Kurli. Apenas sangue.

Uma poça enorme, negra e seca havia sido tapada com areia, ao redor dela haviam alguns respingos que se misturavam com a areia e formavam pequenas bolas.

Fiquei triste pela professora Idalina, eu não a conhecia bem, ela era professora da quinta classe e eu já havia feito essa classe a um ano atrás com uma outra professora. Mesmo assim, senti que ela merecia muito mais do que havia ou haveria por receber. As pessoas falaria da sua morte sem realmente mencionar o que havia acontecido. Enterrariam o seu corpo e talvez até alguns derramem lágrimas de verdade, mas e o resto? Quem seria responsabilizado pela morte? Como explicariam isso às pessoas?

Se eu fosse uma mumuxi mudaria isso — pensei —. Logo em seguida senti uma dor no peito. Eu nunca seria uma, havia sido rejeitada.

Quanto tempo até eu começar a menstruar? Kurli ainda estaria aqui? Estaria viva? Eu estaria viva? Todas essas perguntas precisavam de tempo para serem respondidas. Bom, era exatamente isso que eu não tinha.

Estalei a língua e fui embora.

Os dias a seguir passaram como um borrão. Eu tinha medo de dormir e sonhar com o katchukuchuku então tentava me manter acordada. Resultou por três dias.

Depois, minha cabeça pesava como um pedregulho e parecia que haviam jogado jindungo em meus olhos. Comecei a adormecer em qualquer lugar quieto o bastante. Em todos os sonhos eu estava em pé, próxima a tenda de Kurli que estava aberta, ouvia passos, corria para longe, alguém gritava *aqui!* e recebia um chute no peito que jogava minha mente de volta para o meu corpo.

Outro dia adormeci enquanto lia uma revista antiga.

Estava caminhando ao lado de dois homens da aldeia. Um deles tinha uma barbicha de cabrito horrível, apesar de aparentar ser jovem, as pontas da estavam todas grisalhas.

— Eu ouvi que Safeka pode perder o cargo de soba da aldeia — ele disse.

— Duvido. Vinte anos sentado como soba, antes dele, era o pai, e ninguém conseguiu tirá-los de lá, não vai ser agora — disse o outro homem. Era baixo e corpulento. Carregava numa das mãos uma caixa de fósforos.

— Mas não se pode dizer que não tentaram. Sempre que alguém queria tirá-lo do poder acabava por desistir ou pior. Até os sucessores dos anciões são escolhidos por ele. — Coçou a lateral do rosto e depois passou a mão pela barbicha. Estava na cara que sabia mais de alguma coisa. Por fim succumbiu ao impulso e falou:

— Eu ouvi...

— Onde você ouviu essas coisas? — interrompeu o outro.

— Queres saber ou não? — O amigo apenas piscou os olhos. — Ouvi que Idalina queria convocar o Soba Grande e os outros sobas para falar sobre Safeka. Achava que ele estava a roubar. Seria uma reunião secreta, mas quando Safeka descobriu, mandou matá-la. Contratou uma feiticeira porque sabia que seria o principal suspeito. Aquela feiticeira de merda que apareceu aqui.

— Aquela mulher do demônio! Devíamos queimá-la viva.

Um arrepio fez os pelos de meu corpo se eriçarem. Senti o ódio do ho-

mem em meu próprio corpo. Uma fúria que brotou de um jeito tão repentino e subiu até minha garganta. Eu queria morder e arrancar os olhos a alguém. Tudo isso era dirigido apenas para uma pessoa? Não fazia sentido, se eles acreditavam que Kurli havia sido contratada por Safeka e os anciões para matar Idalina, então todos eles não deveriam ser culpados e odiados em iguais proporções?

Minha mente se afastou dali e acordei novamente próximo a tenda de Kurli. Estava aberta, depois ouvi os passos e quis correr, ao invés disso entrei e fechei a entrada. Não ouvi mais ninguém gritar lá fora.

— Porque você continua vindo aqui? — a voz meiga ecoou nos meus ouvidos. Virei o corpo e olhei para Kurli. — Precisa parar de vir aqui antes que acabe por se machucar.

Já não estava usando o vestido transparente, o que era um alívio pra mim.

— Não consigo controlar. Eu durmo e sonho com isso.

— Aproxime-se — disse ela, fazendo um gesto com a mão e deixando um borrão do tom da sua pele para trás.

Ela colocou uma tijela de ferro sobre a mesa pequena e ergueu a mão.

— Mostre-me a sua.

Fiquei com receio. Ela sorriu, minha dúvida se desfez e coloquei minha mão sobre a sua.

Kurli pegou uma jarra também de ferro que soltava vapor, eu tentei me soltar mas não consegui. Gritei quando a água quente tocou a minha pele.

— Não são sonhos — falou por cima dos meus urros. Soltou minha mão e pousou a jarra — é real! Esse lugar não é fruto da sua imaginação muito menos das outras pessoas. Para uma idiota como você, que não está pronta e nem tem treino para se mover aqui pode acabar muito...

— Então me ensine! — gritei, minha mão ardia como o inferno. Ela balançou pomposamente a cabeça, o que só aumentou minha fúria.

— Minha resposta continua sendo a mesma, Mona.

— O que você veio fazer aqui afinal?!

— Se eu responder a pergunta, você nunca mais virá aqui?

Fiz que sim. Eu estava desejosa por respostas, fosse qual fosse o preço.

— O vosso problema, aquele que chamam erroneamente de Katchukuchuku é na verdade um nguxi: um feiticeiro na sua forma animal. Por isso eu não quero ensiná-la, ainda. Você é um feiticeiro.

— Uma feiticeira?! — falei, tentando corrigi-la.

Kurli balançou a cabeça.

— Não existe isso de feiticeira, uma mulher não é feiticeira tal como um homem não é um mumuxi. Agora deixe-me terminar. Quando uma criança, menina ou rapaz, possui esse dom, automaticamente ela passa a ser um feiticeiro. Se for um rapaz e depois se tornar num homem continua um feiticeiro. Meninas costumam descobrir seu dom após a menarca, esse ato destila o dom, então ela se torna uma mumuxi, uma caçadora de feiticeiros.

«Um feiticeiro é duas vezes mais poderoso que uma mumuxi, eles se tornam malvados e também conseguem se transformar em nguxis, coisa que é impossível para mumuxis. Mas esse todo poder possui um preço, se você continuar insistindo em visitar esse lugar em breve descobrirá qual é. Descobrirá como se transformar em nguxi e quando perceber estará se alimentando de órgãos humanos para viver.»

Eu não sabia se estava ou não a entender tudo que ela falava.

— Você é uma menina feiticeiro, eu sou uma mulher mumuxi. Eu deveria matá-la — Kurli retirou o mambele e seus olhos refletiram o prateado da lâmina. — Então lembre-se disso da próxima vez que vier para esse lugar.

Ficamos em silêncio e eu tentava absorver tudo isso. Por fim falei:

— E o katchuku... o nguxi, você sabe quem é?

— Ainda não, nosso último confronto me enfraqueceu, mas eu irei descobrir.

— Só mais uma pergunta — falei e Kurli praguejou. Senti um sorriso formar-se em meu rosto. Ela estava começando a parecer mais humana comigo, isso era bom.

— Diz logo.

— Que lugar é esse?

— Não há um nome para esse estado, apenas pessoas como eu e você podem acessá-lo e mover-se por ele.

— Um ngxui pode sair daqui para o nosso mundo? — fiz mais um pergunta.

Kurli ficou séria. Seus olhos estavam negros como alcatrão e pela primeira vez eu não sabia o que refletiam. Comprimiu o cabo da mambele.

— Reze para que isso nunca aconteça.

QUARTO

Comecei a visitar Kurli sem precisar adentrar naquele mundo. Mesmo assim, ela ficava furiosa e prometia surras, mas já não me expulsava. Nós conversávamos sobre várias coisas, na verdade eu fazia as perguntas e ela respondia quatro ou duas delas. Era muito bom falar sobre as coisas anormais que aconteciam aqui.

Uma vez questionei sobre as cicatrizes que possuía nas mãos, ela ficou pensando sobre isso e decidiu que não me contaria. Aquelas eram as cicatrizes mais estranhas que eu já havia visto. E isso dizia muito, porque em meus sonhos, eu já vi imensas coisas.

Seja lá qual fosse o ferimento causado pelo ngxui, Kurli estava se recuperando, já podia ficar de pé e caminhávamos a noite pela aldeia.

Durante a caminhada com Kurli em uma noite, enquanto andávamos pelo mato denso de onde os cabritos pastavam de manhã, eu fiz uma pergunta.

— Por que você faz isso, por que caça feiticeiros?

Ela demorou para responder. A lua brilhava no céu limpo e seus olhos mudavam entre o azul metálico do céu e o branco prateado da lua.

— O porquê não importa. E sinceramente, eu já nem lembro mais. O importante é assumir as responsabilidades, lidar com as consequências dessa escolha. Seja qual for o motivo que faça você fazer o que faz, é mais importante ter coragem para assumir as responsabilidades do que uma

outra coisa — ela fez uma pausa —. Minhas cicatrizes são um lembrete constante do que eu faço. E eu assumo as responsabilidades de lidar com as lembranças que elas despertam.

Depois disso nós voltamos para casa. Eu estava muito feliz. Ficava assim sempre que voltava da caminhada com Kurli. Eu achava que estávamos fazendo progressos, talvez ela me aceitasse como sua aprendiz mesmo antes de menstruar. Quase não consegui dormir de tanto pensar nessa possibilidade e quando o fiz... havia deixado meu corpo.

Acordei no meio dos destroços. Num corredor feio e velho. Os mosaicos brancos estavam quebrados e negros em algumas partes. As paredes brancas manchadas com em linha vertical que ia desde uma porta a outra. Era tão profundo que havia passado a camada de tinta, do reboco e deixando o adobe à mostra.

Segui a linha para fora da casa, passei pela cozinha que estava no mesmo estado e vi alguma coisa deixada numa mesa de vidro com metade da plataforma desfeita no chão. Não parei para ter a certeza se era realmente o corpo de uma pessoa. A porta da casa estava escancarada e uma das dobradiças tinha sido desfeita. Saí para a noite estrelada e os vi lutando. Kurli e o nguxi.

O enorme pássaro soltou um grito estridente. Parecia maior, a barriga era de um amarelo dourado e as penas ao redor de todo corpo vermelhas brilhantes. Ele atacou Kurli com suas garras, ela rolou para o outro lado e lançou um dos mambeles que empunhava, atingindo uma das asas. O nguxi se desequilibrou e caiu no chão. Kurli correu atrás dele, estava mancando e não havia borrão nenhum seguindo seus movimentos. Da mesma forma que acontecia quando não estava naquele lugar estranho.

Estava lenta demais, o nguxi teve tempo de se erguer e atingir com uma das asas, jogando-a para longe e a fazendo cair de costas a alguns metros. Estavam lutando no centro da aldeia, eu pude reconhecer, era a primeira vez que eu conseguia fazer isso. Mas a aldeia estava mais estranha do que o habitual. Tentei descobrir o porquê, mas o grito de dor de Kurli chamou minha atenção. O Nguxi a prendia no chão e a seguir cravou seu bico enorme no ombro dela e o remexeu, afundando-o. Kurli gritou de dor e usou as mãos para retirar o bico de dentro de si; ao conseguir, enfiou logo uma das mãos no olho direito do nguxi. Ele grasnou de dor e cambaleou para longe. Ela levantou-se, conseguiu alcançar um de seus mambeles e o arre-

messou. A arma rodopiou no ar e atingiu a parte traseira do pescoço do pássaro. Kurli saltou para as costas dele e puxou de volta a arma, separando a cabeça do corpo.

Ela deu dois passos para longe, caiu de joelhos e começou a gritar de dor. Eu corri para ajudá-la. Vi a cabeça do nguxi me encarando com um dos olhos amarelos e a língua de fora. O corpo, diferente da cabeça, mudara, era de homem nu coberto em um monte de pele morta e penas.

Quando a alcancei toquei seu ombro, mas ela não pareceu reagir. Seus gritos de dor me assustavam.

— Kurli... — falei.

Ela ergueu a cabeça visivelmente confusa. Os olhos estavam brancos, parecia que não havia retinas e logo a seguir refletiram o escuro da noite, e não a mim, que estava bem na frente dela. Seu olho esquerdo já começava a inflamar. Ela apertou os maxilares e começou a gritar em silêncio.

Procurei o ferimento em seu corpo. Havia vários, em todo lado havia sangue e pele aberta. Até que notei seus braços. Um deles tinha uma pulseira parecida com as minhas, mas não foi isso que chamou minha atenção. Ela tinha novas cicatrizes. Não. Ainda não eram cicatrizes. Eram feridas profundas que circundavam todo braço, a centímetros da dobra do cotovelo. Próximo a elas, começaram a surgir novas feridas, aparentemente do nada. Ela gritava enquanto os próprios músculos e pele se separavam deixando uma fresta fina que logo foi preenchida com sangue. Estava prestes a chamá-la novamente quando senti o coice no peito e apaguei.

• • •

Estava numa casa enorme com piso de mosaico branco leitoso, paredes rebocadas e pintadas também de branco. Caminhei por entre o corredor passando por portas de madeira com desenhos talhados.

Uma delas estava aberta e aquela era a cozinha mais bela que eu já havia visto. As paredes revestidas com azulejos que iam do chão até o topo, um balcão feito de mármore negro que brilhava e prateleiras com os mesmos desenhos talhados nas portas.

Sentada numa mesa de vidro quadrada no meio da cozinha estava a mulher de Safeka, Eloisa. Ela não trançava o cabelo como a maioria das outras mulheres, nem o deixava solto no alto, prendido apenas por um elás-

tico. Eles desciam finos e lisos até seus ombros, pretos e brilhantes como o mármore atrás de si. Moviam-se de acordo com o menear da sua cabeça.

Ela parecia agitada, eu não conseguia ouvir e percebi que via tudo por uma camada fina que alternava entre várias cores e distorcia levemente as figuras.

Continuei a caminhar até uma porta de ferro no final do corredor, meu coração batendo forte e minhas costas suando. Empurrei a porta e senti um estalo no cérebro, como se algo dentro de mim tivesse estourado. Vi minhas mãos, eram grandes demais e... adultas. Uma das minhas pulseiras ainda estava sobre o meu pulso. A seguir vi as cicatrizes iguais de Kurli subindo pelo meu braço. O que estava a acontecer?

Um homem enorme se debatia no quarto escuro, alguma coisa caía do seu corpo nu a medida que ia se tornando menor. Ele virou o rosto e me viu. Um dos olhos refulgiu em amarelo. Não precisei ouvir o som que saiu de sua boca. VOCÊ!

Comecei a andar para trás, ele me seguiu, uma de suas mãos era uma asa enorme e o desequilibrava. Pedacos de carnes cobertas de penas pretas e vermelhas caía sobre o corredor. Ele começou a raspar essa asa na parede, como se estivesse afiando a garra que tinha nela.

Seu cabelo e rosto estavam coberto por um líquido viscoso que parecia pus. Demorei alguns segundos para reconhecê-lo, era Safeka.

VOCÊ! VOCÊ! seus lábios entoavam. O brilho amarelo no olho direito estava a ficar cada vez mais intenso, ele ergueu a mão humana na minha direção.

Virei o corpo e corri pensando em Kurli. Passei pela porta da cozinha, vi de esguelha o vidro explodir, depois vi sangue e uma escuridão que inundou o cômodo. Depois, a escuridão começou a me seguir, encrustando-se nas gretas dos mosaicos e quebrando-os em pedaços.

Senti algo arranhar minha perna e gritei de dor, desequilibrei-me e raspei o rosto na parede.

Continuei a correr, cheguei no final do corredor e lutei para abrir a porta e saí sem olhar para trás.

A dor na minha perna se intensificou. Meu rosto também começou a

latejar e não conseguia abrir meu olho esquerdo.

Eu reconheci o caminho pelo qual estava a andar. Vi a tenda de Kurli no auto e apressei meus passos tentando ignorar a dor. Eu precisava contar quem era o feiticeiro.

Ouvi os passos atrás de mim. Comecei a correr. *Ele havia me seguido* — pensei. A tenda de Kurli estava aberta, os passos estavam mais próximos, escorreguei em uma pedra e bati com a cabeça no chão.

A seguir, tudo que eu via eram pequenos cenos passando em câmara lenta e depois completa escuridão. Cenos em câmara lenta e de novo escuridão.

— Aqui! — ouvi alguém gritar.

Uma multidão passou por mim, eram na sua maioria homens, nenhum deles era Safeka e nem pareciam notar que eu estava ali. Suas pernas transpassavam meu corpo como se eu fosse um fantasma. A escuridão veio.

Quando voltei a enxergar, vi dois homens segurando Kurli, ela estava bem, sem ferimentos nem sangue manchando a roupa. Os homens a afastavam da tenda e ela não oferecia resistência. Podia matá-los a todos se quisesse, mas não o fez. Eles gritavam e chamavam-lhes nomes.

Vi o homem baixinho que sentira o seu ódio alguns dias atrás jogar uma pedra que acertou as costas de Kurli. Ela caiu de quatro e os homens começaram a dar pontapés.

— Langa filha da puta! — disse um deles.

— Não! — gritei.

Alguns riam e outros praguejavam.

Mesmo assim, ela não se defendia. Eu queria matá-los a todos. Senti uma vontade enorme de matar cada um deles. Arrancar os seus membros com os meus próprios dentes.

— Ela não é o feiticeiro! — gritei.

Uma das poucas mulheres que ali estava acendeu um trapo que estava embrulhado dentro de uma garrafa e jogou na tenda de Kurli. Uma chama refulgiu.

A escuridão veio em seguida. Senti como se estivesse a cair de um pe-

nhasco e acordei na minha cama, suada e tremendo de frio. Levantei com dores em quase todo meu corpo. Toquei o lado esquerdo de meu rosto que parecia ter ficado toda a tarde ao sol e urrei de dor. Estava inflamado. Levantei e senti minha perna fraquejar.

Me apoiei na cama e olhei ao redor. Só então notei o quanto era tarde.

Ninguém estava em casa. Com certeza a minha mãe já estava a trabalhar e levava Kidi consigo. Saí de casa e caminhei, coxeando, até a tenda de Kurli. A rua estava agitada igual o dia em que o corpo da professora Idalina foi encontrado. Estava quente e seco, nenhuma brisa se atrevia a levantar poeira hoje.

Algumas pessoas ainda encaravam o trabalho feito pela multidão que levava Kurli. Pareciam pasmados e satisfeitos, seus olhos brilhavam como se estivessem a encarar alguma obra de arte.

A tenda estava completamente destruída. Agora era um amontoado de madeiras enegrecidas, ferro e plástico derretido que fumegava.

Eu comecei a gritar de fúria. Senti uma comichão percorrer todo meu corpo. Algumas pessoas se afastavam e outras riam. Então começaram a gritar e a fugir. Meu corpo começava a encher e minha coluna se encurvou, não havia dor, notei, só frio e uma sensação de ausência, como se estivesse anestesiada e me afastando dali.

Olhei para os meus braços, vi a pele borbulhar. Começaram a crescer pelos negros e crespos que subiam até a parte de trás de meu pescoço e se uniam ao meu cabelo, as bolinhas caíram sobre o chão. Garras amareladas explodiam meus dedos, minha roupa se rasgava, minha visão desfocou. Fechei os olhos e quando os abri, eu podia enxergar tudo, uma imensidão de coisas e a uma distância absurda. Pisquei e percebi que tinha apenas um olho.

Uma voz que eu não reconhecia, falou dentro da minha mente. Pedia que eu cedesse o controle. Prometeu que salvaria Kurli. Eu aceitei.

QUINTO

Eu via tudo, mas não era eu quem estava a fazer todas aquelas coisas, pelo menos era isso que dizia pra mim mesma.

As pessoas corriam de um lado para outro e gritavam preces, imploravam que suas vidas fossem poupadas. Eu... meu corpo... isso em que havia me transformado ignorava seus pedidos. Saltava de uma presa para a outra, arrancando-lhes as cabeças, dividindo seus corpos e desfazendo suas vísceras sem pensar duas vezes.

Parecia um sonho, um que eu não tinha há anos. Aqueles que eram realmente sonhos e de onde as coisas sempre eram pouco nítidas e não faziam sentido algum quando avaliadas mais tarde.

Vi muitos dos homens e mulheres que haviam levado Kurli, e nesses, meu outro eu extorquia-lhes a vida mais lentamente. Eu não sentia nada. Nem prazer ou repulsa, nada. Parecia que algo havia sido retirado de mim, algo que me fazia sentir, que me tornava humana.

Quando já não haviam corpos se mexendo na rua, na aldeia, meu outro eu desceu até um conjunto de quartos com portas e gradeamentos. Uma cauda negra com uma lâmina em formato das pontas das lanças no fim enrolou-se sobre as barras e arrancou a porta.

Kurli estava de pé me encarando, estava levemente agachada, os braços afastados e os dentes cerrados. Seu queixo erguido para que pudesse olhar-me nos olhos. Seus olhos cingiam como chamas.

Rugi e toda a construção tremeu.

Comecei a diminuir. Senti como se estivesse correndo por um corredor escuro com uma luz branca no final. Quando a luz me ofuscou, todos os cinco sentidos voltaram.

Algo começou a escorrer da minha pele. Arranquei uma crosta que cobria meu rosto e me impedia de respirar. Meus pulmões ardiavam enquanto sugava o ar para dentro e o gosto de sangue na minha boca era insuportável. Vomitei várias vezes. Sentei no chão e cobri minhas partes com as mãos.

Kurli se aproximou e ajoelhou a minha frente. Ergueu meu rosto com uma das mãos e esbofeteou com a outra. Eu nunca havia levado uma cha-

pada tão forte. Minha bochecha, meus dentes e minha língua explodiram de dor. Meu corpo caiu para o lado.

— Olhe só para o que você fez — ela disse. Não havia ternura alguma em sua voz, apenas nojo.

Comecei a chorar. Não precisava ver o que havia feito. Tudo estava gravado na minha memória, todos os corpos, todos os rostos, todas as últimas expressões faciais das pessoas antes da vida lhes ser arrancada estavam esculpidas em minha mente.

Kurli desapareceu do meu campo de visão e quando voltou a aparecer carregava alguma coisa com ela. Eu achei que fosse ... que fosse... afinal era o seu trabalho. No fim das contas eu era realmente um feiticeiro.

O tecido cobriu o meu corpo e em seguida ela me ergueu.

O cheiro foi aumentando a medida que caminhávamos de volta para o lugar de onde sua tenda ficava. Sangue, urina e fezes humanas se mesclavam e formavam um odor insuportável.

Fiquei vendo ela remexer na crosta enorme de *pelendoce* endurecido em silêncio. Ela nunca olhava para mim, e eu agradeci por isso. Finalmente havia conseguido cessar meu choro e estava me preparando para o que ia acontecer agora. Se ela me olhasse, eu sentiria que iria desabar novamente.

Como um *flash*, lembrei de tudo que havia descoberto.

— Era... — comecei —, era uma visão. Eu acordava sempre no mesmo lugar, ouvia os passos e alguém gritar, era uma visão do que iria acontecer com você.

— Às vezes acontece. Feiticeiros são mais poderosos que mumuxis. Podem ver além do que já aconteceu — disse, e quebrou um pedaço de plástico.

— Também vi o ngxixi... o outro ngxixi... é Safeka.

Kurli achou o que procurava. Estavam queimados e sujos, mas visivelmente funcionais.

— Irei atrás dele, mas agora... — ela parou e olhou ao redor, parecia confusa. Vi suas mãos tremerem. Aquela não era a mesma Kurli que conheci semanas atrás, ou era? Em todo caso, imaginei que seria difícil para qualquer um fazer o que devia ser feito.

— Eu sei, é preciso assumir as responsabilidades.

Ela mordeu o lábio inferior e fez que sim com a cabeça.

Nos encaramos. Seus olhos reflectiram o preto dos meus. Vi uma coisa nova. Suas tranças, grossas e castanhas, flutuavam. Remexiam-se no ar como se possuíssem vontade própria, era bonito de se ver.

— Uma última pergunta — falei. Ela tentou conter o riso que saiu como um balão esvaziando.

— Qual?

— Por que você não fez... não fará nada quando eles a virem buscar?

— São inocentes. Eu faço o que faço para protegê-los, se usasse meu dom contra eles não seria melhor que um feiticeiro.

— Mas eles queriam queimar você viva.

— Como eu disse, são inocentes. Pessoas inocentes fazem coisas estúpidas às vezes.

Eu era inocente? Com certeza não. Inocentes eram as várias pessoas, incluindo crianças e idosas, mortas a alguns metros atrás de mim. Inocente era Otílio, que estava morto próximo às árvores em que gostava de brincar.

Pensei nisso que ela disse. Haviam muitas coisas que separavam os feiticeiros das mumuxis, mas isso com certeza era a principal diferença.

Olhei para o chão e vi uma das minhas pulseiras. Segurei com cuidado e uni as pontas. Amarrei e ergui para que Kurli a recebesse. Eu sabia que estaria na mente dela para sempre e seria uma lembrança dolorosa, mas eu não queria ser apenas isso. Queria que quando olhasse para as cicatrizes que eram minhas, que quando pensasse em mim, não enxergasse apenas a feiticeiro. A pulseira faria isso, eu espero. Ela recebeu a pulseira, colocou no pulso e deu um leve sorriso.

— Estou pronta — menti.

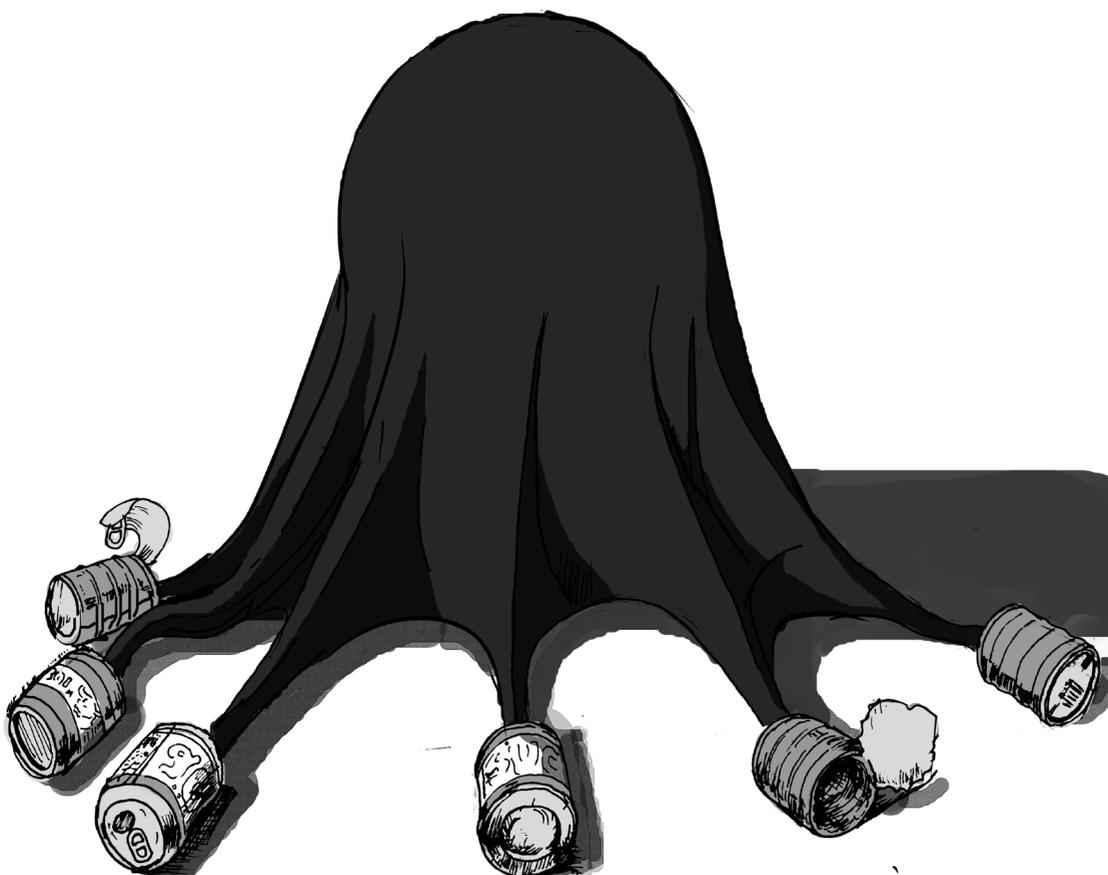
Pensei na minha mãe e no irmão, mas seus rostos não apareceram na minha mente, eu não conseguia lembrar deles. Uma das tranças de Kurli tocou a lateral da minha testa, desceu suavemente até meu queixo e o ergueu. Encarei-a e sorri.

A lâmina fendeu o ar e mais alguma coisa. Encontrei dificuldade para

conseguir ar. Como eu queria que não tivesse doído...

Mas doeu. Doeu muito.

A CRIATURA NO ESCURO



No décimo quarto dia de viagem, Augusto estava decidido a confrontar a mãe e dizer que precisavam parar. Seu estômago roncava furiosamente, suas pernas e dedos e os ossos desses dedos pareciam brasas de uma fogueira recém -acesa. O peso da mochila em suas costas era tanto que sentia-se afundando a cada passo que dava. Seu corpo inteiro estava cheio de dor e os pensamentos mergulhados na fome.

Ele parou de andar e cravou os pés no caminho, prestou atenção aos chilros dos pássaros e no chacoalhar constante dos ramos das árvores. Sua mãe deu alguns passos em frente antes de perceber que ele havia parado. Quando o fez, Augusto sentiu toda a coragem se esvaír. Ela virou e se aproximou.

— Estás a fazer o quê? — indagou aos sussurros, como se alguém os estivesse vigiando, aguardando que eles dissessem alguma coisa para saber sua localização exata. — Continue andando.

A dor no estômago aumentou.

A luz dourada se desviava pelas folhas da floresta e incidia sobre sua tez escura, do mesmo tom das sementes de nona, fazendo as gotas de suor se marcarem. Augusto tinha o tom de pele mais claro que o da mãe, mas de longe possuía o esplendor dela. Ela era como um alce da savana, esbelta em todos os sentidos, já Augusto parecia uma mula desajeitada. Dela, ele só herdara os olhos grossos e negros como betume.

Ela franziu o sobrolho tentando decifrar o que estava acontecendo. Augusto engoliu uma lufada de ar e falou no mesmo tom:

— Não consigo mais, mamã. Estou cansado, tenho fome e sede. Todo o meu corpo dói.

— Precisamos continuar — ela disse quase em seguida, como se não o tivesse ouvido.

— Pra onde, mamã? Não tem nada aqui além de árvores — ergueu o

braço num gesto dramático. — Não tem nada depois das árvores, não tem mais nada para onde ir.

Os olhos da mãe refulgiram, ele sabia que ela não gostava de ser contrariada. Ela o percutiu e Augusto permitiu, deixando transparecer todo o cansaço. Em seguida, ela olhou ao redor e apontou para uma árvore próximo deles.

— Sente-se ali, naquela árvore. Eu vou ver se acho um pouco de água.

A mãe se afastou e desapareceu floresta adentro. Augusto retirou a pasta das costas e pousou. Apoiou-se na árvore, sentindo ainda mais fome. Sentiu um ardor no braço esquerdo, a coceira começou a se alastrar subindo até seu cotovelo — às vezes, quando estava cansado demais, isso acontecia. Ele não podia fazer nada além de tentar se manter calmo e esperar passar.

Virou o rosto e notou pequenos cogumelos brotando próximo da árvore. Ele nunca vira nada igual, mas também nunca vira mais de um tipo de cogumelo, então calculou que fosse esse o aspecto dos outros. Eram tão enormes como punhos de adultos e parecia que a crosta reluzia em tons de laranja e depois violeta.

Ele arrancou um e sem pensar muito, deu-lhe uma mordida. Era como mastigar borracha. Sabia estranhamente a peixe seco e a mais alguma coisa ácida e amarga como limão, mas que não era limão, porque também era açucarado. Uma mistura estranha que o deixou com vontade de mais. Ele engoliu o que estava na mão e arrancou mais dois. O segundo sabia a doce de ananás e mel. Quando estava prestes a morder o terceiro ouviu o som de galhos se partindo e de passos.

Sua mãe irrompeu por entre a escuridão das árvores, notou o que ele tinha na mão e aproximou-se rapidamente.

— O que você está a comer? — ela questionou, começando a parecer histérica. Augusto não sabia o porquê. — Responda!

— Cogumelos — ele balbuciou engolindo o restante que estava na boca e apontou para o lugar onde colhera. Mas estava vazio, não havia nada ali, nem mesmo raízes de árvores. A mãe ignorou isso, retirou a pasta dos ombros e se ajoelhou próximo dele.

— Quantos você comeu? Faz quanto tempo? — indagou, procurava às pressas, alguma coisa na mala.

Augusto abriu a mão onde estava o outro cogumelo, mas apenas encontrou um punhado de areia. Seu coração começou a bater fortemente

no peito.

— Quantos você comeu, Augusto?

Ele pensou. Sabia que comera dois, ou pelo menos era isso que achava. Sabia também que haviam pelo menos vinte cogumelos brotando perto da árvore, e agora não havia nenhum, comera-os todos? Ou era apenas um sonho, uma ilusão?

— Augusto! — a mãe voltou a falar.

— Dois — ele disse. Mas já não tinha certeza disso. Também, dizer vinte poderia piorar a situação.

A mãe encontrou o que procurava, um lenço branco e manchado. Retirou dele uma pedra negra e embaçada do tamanho de um dente de alho e fê-lo engolir. Ele pensou que o carvão saberia a alguma coisa, mas não havia gosto algum além de um toque metálico.

— Há quanto tempo foi isso? — perguntou.

— Não muito — ele mentiu —, um minuto antes de você chegar.

Ela pareceu se acalmar um pouco, mas Augusto estava longe disso. Quantos ele comera? Ou melhor o que ele comera? E quantos disso ele comera?

— Como se sente? — A mãe indagou. — Seus olhos doem? Está com calor, sente alguma vontade de vomitar?

Ele pensou e não sentia nada disso. Isso foi suficiente para fazê-lo sentir-se melhor.

— Bem. Não. Não. Não. Não necessariamente nessa ordem.

A mãe inclinou levemente o rosto, descrente por vê-lo fazer piadas numa hora dessas- Franziu os olhos até se tornarem pequenas fissuras negras e endureceu a mandíbula.

Augusto soltou um riso abafado.

— Estou a brincar, desculpe.

Ela esbravejou em umbundo, e Augusto fingiu não entender. Depois ajudou-o a levantar.

— Esperemos que não seja venenoso — falou —; achei uma cabana perto daqui. Ainda não entrei, mas acho que está abandonada, podemos ficar lá por uma noite.

SEGUNDO

Cabana não era exatamente o nome ideal para descrever aquela coisa, Augusto pensou. Parecia mais uma sepultura de barro; um retângulo disforme feito de adobe velho e duma cor amarela doentia. O visco esverdeado cobria toda a base da parede e começava a se infiltrar na madeira da porta e janelas.

Era evidente que ninguém frequentava aquele lugar fazia anos; mesmo assim, a mãe de Augusto aproximou-se e bateu três vezes. E depois mais três e mais três. Augusto, entretanto, se aproximou, subindo os adobes que faziam de degraus, mas foi impedido com um gesto de mão.

Ela abriu levemente a porta, fazendo as dobradiças rangerem num ruído agudo. E fungou, cheirando o lugar. Era uma coisa estranha de se ver e fazer, mas os dois aprenderam bem cedo que o cheiro dizia muito de um lugar, às vezes mais do que os olhos.

Ela desceu e andou até Augusto.

— Eu não sei. Tem um cheiro estranho esse lugar, melhor procurarmos outro sítio — disse.

— O quê? Já é bem tarde, daqui a pouco vai escurecer... — Augusto falou e começou a andar — não deve ser nada — subiu o último adobe e entrou na casa.

O ar quente e poeirento misturado com o odor rançoso do visco invadiu suas narinas. Estava escuro, mas ele notou que o chão era de terra. Tateou numa parede e achou a janela, forcejou até as dobradiças desistirem e a luz alaranjada do fim da tarde invadir o lugar juntamente com o ar puro.

Sua mãe estava perto de si. A casa era dividida em dois cômodos. O primeiro devia ser uma sala-cozinha. Havia uma mesa e cadeiras de madeira no centro. Um fogão velho e enferrujado no canto e algumas louças numa prateleira improvisada pregada na parede. Augusto desejou que houvesse comida ali e gás para cozinhar.

A mãe se aproximou do quarto e tentou abrir a porta, mas devia estar encravada.

— Melhor assim — ela disse. Aproximou-se da prateleira, tateou no fundo e retirou uma lata de conserva de mais ou menos dez centímetros de comprimento — Feijões! — exclamou.

Augusto ouviu um som distante que o intrigou. Ele não sabia bem o que era, mas pareceu ter ouvido alguma coisa como metal. Parecia o tilintar característico de coisas metálicas sendo chacoalhadas. Ele olhou lá fora pela porta tentando ver e ouvir, mas nada aconteceu.

Havia gás na botija velha, mas a mãe precisou de ser convencida a ligar o fogão. Eles regurgitaram argumentos por pelo menos vinte minutos e apesar de os dela serem fundamentados, Augusto venceu.

Havia um pedaço de vela e fósforos na pasta de Augusto. Eles acenderam o fogão, comeram os feijões e dormiram em um dos cantos da casa, longe da porta, do quarto ao lado e do fogão.

• • •

Augusto não sabia por quanto tempo estivera dormido, mas acordou a caloriar e arfando como um porco. Lá fora o vento açoitava brutalmente a porta e o telhado. Tudo parecia tão alto e pulsante como se ele estivesse na mesma sintonia, como se fizesse parte dos movimentos. Então ele voltou a ouvir o som de metal sendo chacoalhado. E percebeu mais alguma coisa. Sua mente foi invadida por essa noção; não era chacoalhado, mas arrastado, arrastado no chão. Não tinha ideia de como podia ter tanta certeza, mas sim era isso.

Um rangido agudo fez ele se encolher e tapar as orelhas, mas conseguiu proteger apenas uma. Quando abriu os olhos, tudo a sua volta estava visível, como se a vela ainda estivesse acesa, mas era uma luz diferente da proporcionada por ela, sequer era uma luz parecida com a da lua ou do sol. Augusto nunca vira nada igual; os contornos dos objetos mudavam de azul para violeta, cinza e voltavam para o azul. Suas dimensões alternavam, inclinando-se, contraindo e estendendo. Havia demasiadas informações, coisas que ele nunca havia notado, como quantas linhas verticais tinha o lenho das mesas e cadeiras de madeira, ou como o sangue em seu corpo pulsava e se movimentava, ou os poros de sua pele que pareciam buracos enormes; ele sentia, ouvia, e via demasiado.

Os sons metálicos se tornaram mais altos, estavam mais próximos, e ele soube o que eram realmente. Latas de ferro estanhado.

O barulho pareceu atingir uma nota final e com um último zumbido, tudo ficou quieto. O vento amainou, o chacoalhar das folhas, dos galhos, tudo pareceu cessar. Augusto ergueu-se e notou que até seus movimentos eram silenciosos, terrivelmente silenciosos. Ele sentiu o medo subir pela garganta e se fixar por debaixo da língua: *grite. Grite. GRITE!* dizia mentalmente, achava que se o fizesse o som voltaria. A pele formigava, o desconforto causado pelo silêncio parecia estar a sufocá-lo. Ele arfava tentando respirar. Sentiu uma mão em seu pulso e percebeu que era sua mãe. Em tons azuis e violetas ela parecia mais bela; movia os lábios, mas ele não ouvia o que estava dizendo.

Então, com um grito gutural e inumano, o som voltou, amplificado. Era como ouvir milhares de vozes gritando ao mesmo tempo. Não pessoas, animais ou criaturas que Augusto conhecia, gritando como se não precisassem de fôlego, como se respirar fosse algo secundário.

As portas e janelas explodiram e a madeira estalou por todo o lugar. Quando Augusto percebeu, estava deitado em posição fetal, usando o chão para tapar uma das orelhas e a mão a outra, apertando-as com toda a força que possuía. Sua mãe tentava levantá-lo, sua voz aos prantos era abafada pelo outro som, um ainda maior.

Augusto olhou pela abertura da porta rachada e viu o que fazia aquele ruído. Estava coberto por um manto negro como a própria escuridão e que balançava no ar feito fumaça. Seus olhos cintilavam como fogo. Augusto viu latas amarradas ao manto no chão. A coisa o encarava, a boca aberta e coberta de pequenos ramos que se projetavam dela e desciam como pequenos tentáculos.

— Mãe! — Ele chamou. — Mãe!

— Augusto, acalme-se... — ele conseguia ouvi-la — acalme-se.

— Olhe! — ele disse. A mãe virou o corpo e Augusto teve a certeza que ela também o via.

O som cessou e a criatura trincou a boca.

— Vamos — a mãe berrou. Ergueu Augusto e o encaminhou para fora. Eles correram, passaram a centímetros da criatura e nada fez além de acompanhar com aquele seu olhar chamejante.

Em segundos estavam correndo pela floresta escura e silenciosamente mortal em plena noite, mas Augusto via melhor que durante dia. Ele tentou usar isso para achar o caminho, mas os trilhos pareciam os mesmos. Visualiza pequenos corpos brilhantes que fugiam pelo mesmo caminho que eles, alguns sobre quatro patas outros sobre duas. Outros eram grandes demais para serem comparados com borboletas ou aves, mas voavam igual elas.

— Você viu aquilo? — A mãe questionou e tentou parar de correr, mas Augusto não a permitiu. Ele voltou a ouvir as latas raspando o chão. O som desapareceu por segundos, tão rápido que nem havia tempo para terminar de soar, era como se simplesmente tivesse sido evaporado. E voltou a soar, em frente deles.

Os dois pararam e encararam a criatura escondida nos galhos das árvores, parecendo mais mortal e mais sobrenatural. O frio os afligiu. O ar solto da sua respiração ofegante formava nuvens no ar. Rapidamente começaram a tremer de frio.

A criatura começou a andar até eles arrastando suas latas, fazendo-as sulriar. Augusto e a mãe tentaram voltar, mas estavam presos. Suas pernas estavam amarradas por ervas que cresciam desde as raízes de seus pés e quase atingiam seus joelhos. A mãe se abaixou e começou a morder e arrancar as plantas sobre as pernas de Augusto, cada tufo arrancado arranhava suas calças e pele. A mãe gritava, mordida e voltava a arrancar. A erva crescia novamente e colavam-se de volta nas suas pernas, apertando-as mais.

A criatura estava a centímetros deles agora, era alta como uma árvore. Seus dedos finos e contorcidos como galhos velhos começaram a se enrolar em seus corpos. Ele gritou sobre o toque que queimava sua pele. O corpo e os galhos pulsavam juntos. A visão começava a enturvar, ainda podia ouvir a mãe gemendo, gritando e tentando fazê-lo conversar. Augusto? Augusto? Ela chamava. Ele não podia responder. Não queria, estava a sentir-se cansado demais.

Sentiu algo entrar por sua boca, se remexer e forçar pela garganta abaixo. Algo foi arrancado dos seus olhos. Depois dos braços e por fim da boca. Ele balançou no vazio gélido da própria mente e bateu em alguma coisa. Augusto, disse uma voz que soava arrastada. O gosto horrível se

alastrava pela boca. Augusto ouviu outra vez. Abriu os olhos e a viu: Coberta por galhos. Erguida alguns centímetros do chão. Ele tentou se aproximar para ajuda-la.

— Não! — ela disse, a voz ainda arrastada — Fuja!

— Como? Não! — Augusto retorquiu e continuou se aproximando e lutou contra os galhos que tentavam agarrá-lo. Quando tocou os primeiros que estavam ao redor da barriga da mãe, ela usou os pés para jogá-lo para longe. Ele caiu de costas.

— Eu mandei ir embora, corra. Agora! — gritou. E Augusto ouviu o som de alguma coisa rasgando. Um galho vermelho enegrecido brotou da boca da mãe, cortorceu-se e estalou. Ele ouviu o som que ela fez ao se engasgar.

— Mamã! — Augusto gritou e chorou.

A mãe ergueu a mão e fez um gesto o afugentando, mas era algo tênue e fraco, como se não tivessem restado mais forças. Como se toda sua energia, sua vida, estivesse sendo tirada aos poucos. Seus olhos se tornaram apenas negros. Augusto correu.

Correu como nunca havia corrido antes. Lágrimas desciam do seu rosto; ele caía, soluçava, voltava a levantar e corria novamente. Se afastando cada vez mais da mãe, do ser que a tinha, dos olhos vermelhos como fogo.

Correu e correu. A escuridão começava a se dissipar e ele ainda corria.

Escorregou no que imaginou serem os dedos encarquilhados da criatura vindo buscá-lo e bateu a cabeça em algo duro e achatado. A negrura assumiu e infestou tudo, mas Augusto ainda chorava.

TERCEIRO

Sentia ligeiras compressões na parte baixa do corpo. Ele piscou tentando enxergar melhor. Mas a luz era forte demais. Sua cabeça parecia estar prestes a explodir. Uma dor cortante e esmagadora, como se tivessem colocado seu cérebro em uma bomba e o êmbolo o compressa-se a cada segundo que passava.

Ouviu guinchos e sussurros que nada significavam nas três línguas que conhecia. Estranhamente pareciam vozes diminutas e pueris.

Ergueu a cabeça e viu pequenas figuras arredondadas e cobertas de folhas saltaram do seu corpo e baterem retirada aos tropeços. Todas elas desapareceram nos galhos, folhas e raízes no chão. Parecia que voltara a ficar sozinho. Sua visão ainda estava estranha, embora as cores parecessem mais desbotadas e aguadas, percebeu.

Forcejou e conseguiu se pôr em pé. Sentiu dores nas pernas e quase caiu. Havia marcas de garras que subiam até a raiz dos joelhos em linhas circulares. Negras e coaguladas. Suas calças estavam em frangalhos e ele lembrou do esforço que a mãe fizera.

Uma dor se abateu sobre seu peito, seus joelhos fraquejaram e os seus olhos se encheram de lágrimas. Augusto desejou que não estivesse sozinho, pois assim evitaria chorar pela mãe.

No mesmo instante sentiu uma comichão irritante brotar por detrás do crânio, era uma sensação difícil de ignorar. Algo o observava. Seu cérebro incitava-o a olhar para trás, a procurar algo. Ouviu movimentos atrás de si, nas árvores, sucumbiu ao sentimento de insegurança e olhou. Viu uma sombra correr de uma árvore para outra numa velocidade que o surpreendia.

— Quem está aí? — Questionou, mas depois se arrependeu.

O medo o envolveu como um lençol e ao mesmo tempo uma mordança. Ele engoliu em seco e tentou controlar o coração disparado no peito, que tamborilava vinte vezes mais alto que o normal. E depois, o silêncio. O silêncio ensurdecedor.

— Quem é você? — A voz feminina soou, mas Augusto não soube dizer de qual lado vinha, o que o fez rodar a procura da origem. — O que faz aqui? — A voz voltou a soar e ele percebeu que não vinha de lugar nenhum além da sua mente. Achou que falava de dentro de si, incutindo nela as palavras, o som delas.

Como ele sabia que era uma voz feminina?

— Quem é você? — ele falou. A garganta doía muito — Mostre-se, sei que está escondida entre as árvores.

Ele esperou. Quando estava prestes decidir acreditar que tivera alucinado, das sombras brotou outro ser. Esse não o assustou, não como o outro, mas havia um certo receio.

— Meu nome é Ayala. Você consegue me ver?

Ver seria a palavra correcta para aquilo? Augusto pensou. Ver para ele implicava compreensão, distinção clara da realidade. Aquilo não parecia real. Sentiu o medo afligir-lhe o peito.

Ayala sumiu e voltou a aparecer, como se seu corpo fosse feito de luz. Deixava um rastro delgado de fumaça azul e violeta por onde passava.

— Claro que consegue — afirmou. Sua voz, ou o que quer que fosse que soava na mente de Augusto parecia eufórica —, você comeu os cogumelos!

— O que você é? — Augusto desistiu de tentar entender e quis logo saber.

Ela sorriu. Era baixa e corpulenta, seu rosto redondo com feições salientes de modo que o sorriso fazia os cantos dos lábios afundarem nas bochechas. A pele era meio verde repolho. Augusto não sabia o porquê, mas estava começando a sentir-se melhor, como se Ayala exalasse algum tipo de analgésico.

— Se eu respondesse a essa pergunta, teria de deixá-lo aqui, perdido e à mercê da noite. E isso que quer?

Ele fez que não.

— Você alegrou o meu dia, humano. Por isso eu não vou enganá-lo. Prometo ser o mais directa e clara possível. Existem dois caminhos, um deles o libertará dessa floresta, outro o tornara parte dela para todo o sempre. Existem duas decisões. Uma delas fará você morrer, a outra fará você morrer sozinho. A luz é sua amiga e a escuridão não, mas não se deixe enganar por conceitos, porque as duas são pontas do mesmo gume, entende?

— Não — ele disse —, nem um pouco.

— O que você enfrentou continua atrás de você e te vai achar a menos que saia daqui.

— Não posso ... — Augusto interrompeu.

— Eu sei, por isso irei indicar o caminho...

— Não! — voltou a interromper — Não é isso. Não posso sair daqui sem minha mãe. — A mãe era tudo que ele tinha nesse mundo devastado, sua mãe era quem curara seus ferimentos, que enterrara seu pai e o salvara inúmeras vezes. Não podia deixá-la lá.

— Você lembra do que aconteceu? Da coisa no escuro?

— É, eu lembro.

Eles trocaram olhares por bastante tempo. Até Ayala voltar a falar.

— Tudo bem, mas esteja preparado. Siga em qualquer uma das direções e você achará o que procura. Não vou cobrá-lo nada porque rejeitou minha ajuda. Ela sorriu, mas parecia afetada. Começou a afastar-se.

— Espera — Augusto falou —. Se quiser me ajudar diga o que é aquilo, como posso derrotá-lo?

As bochechas de Ayala ficaram roxas, brilhou e voltou a se aproximar.

— Isso tem o seu preço. — Falou. — Entende?

— Entendo.

Ela fez um gesto para que Augusto acompanhasse. Quando ele se mostrou resistente, ela pulou até ele e o puxou pelo braço. Sua pele era fria e quente, e ela cheirava a terra e sangue.

Andaram pela floresta em direção a algum lugar que ele não conhecia. Ele via as nuvens pelos espaços abertos entre as árvores; o céu estava laranja avermelhado com respingos de amarelo, e percebeu que já era tarde. Notou que após alguns passos, o chão começara a se tornar rochoso e escorregadio. Ayala falou:

— Pouco se sabe sobre a criatura no escuro. Apenas que ela está aqui desde os primeiros povos. Ela nos afugentou, nos fez esconder-se e sugou nosso poder até não restar quase nada para nos mantermos vivos. Minhas irmãs diziam que ela era um... — ela fez uma pausa e mordeu o lábio inferior, pensativa — o equivalente ao soba na sua língua. Um bastante poderoso. Ele queria mais poder, mais tempo e queria enganar a única certeza da vida: a morte.

No entanto, não importa quão poderoso e esperto você seja, a morte é mais. E ela, furiosa, arranjou um jeito de puni-lo sem precisar, realmente, ceifar sua alma. Agora ele é imortal mas vive apenas para servi-la, caçando

almas no lugar dela.

— Você disse que ele é imortal?

— Sim.

— Então como posso vencê-lo?

— A imortalidade é superestimada, humano. Como uma linha, tudo tem um começo e um fim, apenas o que se consegue fazer é alargar essa linha. Corte a linha e tudo termina.

Eles pararam sobre um relvado verde esmeralda. As árvores afastadas o bastante para que pudessem exergar o céu e o sol se pondo. Mais em frente, uma enorme cascata despejava suas águas cristalinas levemente acastanhadas até um fino rio ladeado por. O vento soprou em tons de cinza.

Era uma visão de tirar o fôlego e Augusto percebeu que não via mais da mesma forma, as cores estranhas agora eram apenas um fina camada que cobria sua visão, tão fina que só podia ser notada quando ele movia a cabeça.

— O efeito do fruto da terra está a passar — ele ouviu a voz de Ayala que ecoava em sua mente como se estivesse se afastando. — peça mais.

— Como? — ele questionou mas não houve resposta. Estava agora sozinho sobre a paisagem.

Sentou-se no relvado e pensou nos cogumelos, em suas cores, suas formas extravagantes e seus sabores peculiares. Pediu que o ajudassem a recuperar a mãe. Abriu os olhos, mas não via nenhum. Pendeu o dorso para trás e encarou o céu. O medo começava a brotar em seu corpo a medida que a luz se afastava.

Acalmou sua mente, tentando ignorar todo o resto e implorou de todo o coração:

— Por favor.

Sentiu o cheiro de soja torrada, virou o rosto para esquerda, de onde o cheiro provinha e os viu. Crescendo disformes e em abundância.

— Obrigado — Augusto falou, sem saber realmente a quem estava agradecendo. Se aproximou deles. Retirou dois cuidadosamente, perguntando para si mesmo o que aconteceria se comesse demasiado. Outra coisa, pen-

sou, será que só faria efeito se engolisse também um pedaço de carvão? Ele não tinha carvão com ele e se isso fosse um dos ingredientes para aquele estranho estado de imersão, então estava tudo perdido.

Quando começou a sentir os sintomas, o sol já havia se posto. Estava escuro como breu, depois os sons se tornaram demasiados altos, as cores refulgiram e Ayala estava sentado ao lado dele.

— Isso me permite ver vocês? — indagou sem fôlego e ela assentiu. — Mas minha mãe viu a coisa no escuro também e ela não comeu os cogumelos.

— A coisa no escuro faz parte dos dois mundos, o seu e o da floresta, ela pode se mostrar para os transeuntes, ao passo que nós podemos ser vistos apenas com os olhos da terra. Quase ninguém consegue que a terra os forneça, você é especial — ela sorriu e encarou o braço esquerdo de Augusto —, ou tens uma forte conexão com ela. Agora voltemos ao trabalho.

Ayala se levantou e Augusto fez o mesmo.

— Primeiro o meu pagamento — disse.

— Eu não tenho dinheiro, ainda — Augusto disse —, mas prometo que se me ajudar eu irei voltar para pagar...

— Não se preocupe. Não é dinheiro que eu quero.

— O que é então?

— Quero quatro anos de sua vida.

— O quê?... Não!... Como assim? — Augusto balbuciou.

— Eu disse-lhe; não se deixe enganar por conceitos, a luz e a escuridão, o bem e o mal, são gumes de uma mesma lâmina. É esse o meu preço para ajudá-lo. Quatro anos da sua vida acrescentados a minha. Não somos imortais e como minhas irmãs estou quase deixando essa terra, preciso de mais linha e você me dará em troca da minha ajuda.

Augusto pensou bastante e percebeu que se aceitasse seu destino estaria celado. Se por algum milagre sobrevivesse a luta contra aquilo no escuro quanto tempo teria de vida? Cinco? Dez? Retirar quatro parecia um exagero, ainda mais nesse mundo quebrado e corrompido em que todos lutam pelas mesmas terras sem se importar com a vida e o destino dos outros. Não se podia sobreviver por muito tempo. Mesmo assim, ele devia isso a

mãe, afinal, fora ela que o trouxe a vida, duas vezes. Se houvesse alguém que merecesse tanto, esse alguém era sua mãe.

— Tire — disse, ainda receoso.

— Não diga tire. Diga que aceita.

— Eu aceito.

Ayala sorriu e se aproximou dele. Tocou no seu peito. Augusto sentiu um cansaço enorme abater-se sobre si. Sentiu seu coração abrandar e soube que sua linha encurtara.

— Feito. Quatro anos. — Ayala se afastou.

Uma chuva repentina se abatera sobre a floresta. Augusto ainda enxergava com aqueles olhos e viu novas criaturas voado e rastejando pela lama e ramos das árvores. Andando sobre os seus pés e voando sobre a cabeça. Algumas faziam gestos estranhos para ele, como se estivessem se comunicando.

Ayala foi até uma árvore grossa de madeira amarela esbranquiçada que crescia bem entre o terreno rochoso. Tocou o tronco rugoso. Augusto levou um susto ao ver a árvore se curvar. Ela partiu um ramo e a árvore voltou ao normal. Andou de volta para onde estava.

— Tome — disse e entregou o galho para Augusto. — A mesma madeira que era usada para fazer os bastões dos sobas antigos.

Augusto encarou o pau que possuía mais ou menos 70 centímetros de largura e se bifurcava no fim, coberto com folhas verdes que cintilavam em tons cinzentos e dourados. Ele achou que fosse uma brincadeira. O que ele realmente faria quando avistasse o ser no escuro? Mostraria o pau e rezasse que ele fosse alérgico a madeira?

Ela continuou:

— Você já fez o primeiro passo que era comer o fruto da terra, acho que já tem noção de como ele funciona, não?

— Não sei bem.

Augusto tossiu dolorosamente.

Ayala voltou a tocar seu corpo, dessa vez em sua garganta inchada, que ficou melhor quase intantaneamente

— Se desejar algo com muito afinco, poderá se concretizar — ela fez uma pausa. E Augusto pensou na lata de feijões na cabana e no gás, também havia o caso em que desejava que não estivesse sozinho —. Você não pode desejar que aquela coisa suma. Acredite, nós já tentamos. Mas pode desejar que tenha algo com que vencê-la. O galho irá exteriorizar isso.

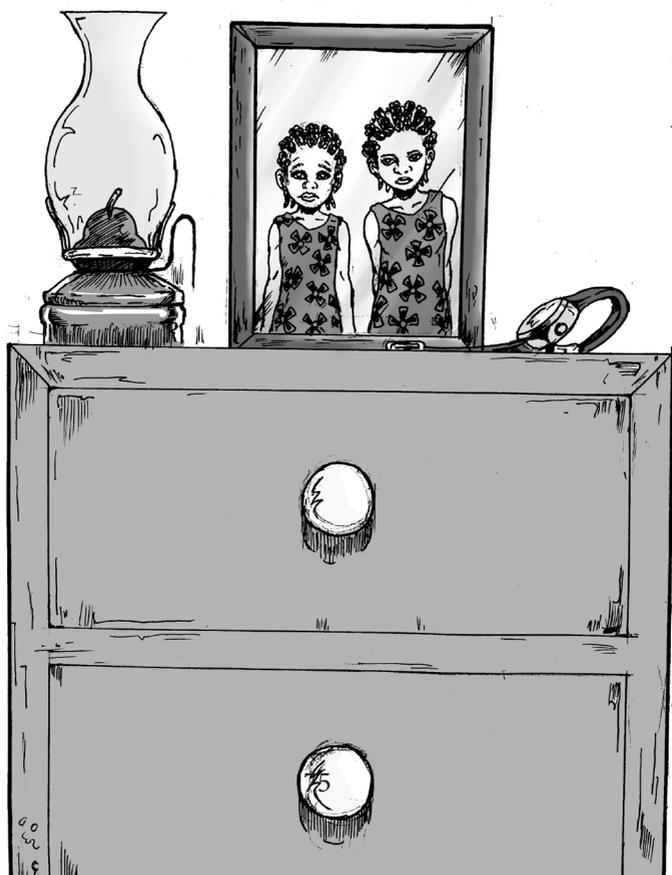
Ele notou que os olhos dela agora brilhavam intensamente. Seu corpo parecia também mais corpulento. O rosto dela era protegido da chuva por uma enorme capa branca que subia de seu pescoço como um guarda-chuva.

— Siga por qualquer dos caminhos e irá encontrá-lo. Faça o que tiver que fazer.

Sons repentinos de passáros soaram por entre as árvores, Augusto se assustou e quando voltou a prestar atenção, pensando que não perguntara a Ayala se sua mãe estaria bem, ela desaparecera.

Ele começou a caminhar sobre a chuva. Quase não sentindo o quão frio a tarde se tornara. Ouviu o barulho das latas a serem arrastadas; tilintavam numa melodia estranhamente harmoniosa e fúnebre, ele percebeu.

O REGRESSO DE LEMO



Hoje, dez anos se passaram desde que as filhas de Jonas morreram, e mais vinte desde a morte do irmão. Para o resto do mundo, eles continuavam desaparecidos ou possivelmente mortos. Mas para ele, pai e irmão, não havia possivelmente, era um facto indubitável.

Todo o dia ele acordava e perguntava para si mesmo a razão de não ter ainda tirado a própria vida. Vem fazendo essa pergunta há imenso tempo e ainda não achou a resposta. Não era medo, depois de tudo pelo que passou, medo era a última coisa que sentiria. O mais incrível é que havia uma faca de cobre ao seu alcance; na gaveta da cabeceira, no armário do banheiro e na cozinha. O que o impedia de cortar a garganta então?

Ergueu-se da cama sentindo um estalo no pescoço e se sentou de seguida, tinha os pés descalços sobre o piso frio. Piscou os olhos se habituando a claridade do dia e quando os abriu, lá estão elas, sorrindo para o papá. Suas filhas o encaravam sorridentes.

Tinham as mãos dadas, cabelo aos puxinhos idênticos com punhos cor-de-rosa que em muito combinavam com a estampa de flores dos vestidos. Elas brilhavam como o sol; imóveis, mas cheias de vida. Jonas ergueu a mão, tocou o porta-retratos e o abaixou. Voltaria a erguê-lo religiosamente ao anoitecer. A seguir sentiu a dor habitual na perna esquerda; uma corrente descendente e vibrante que lembrava muito a sucção do aspirador sugando sua carne. Era ali onde a dor da perda passara a se manifestar, de um sentimento de asfixia à dor eletrizante na perna.

Ele levantou, chiou ao colocar o peso do corpo sobre perna e caminhou até o banheiro. Olhou para o espelho, mas o seu rosto não foi refletido ali. Aquele objeto parara de funcionar desde o dia em que as filhas se foram, agora era apenas um vidro negro. Não haviam mais espelhos naquela casa para onde ele pudesse se encarar. Claro que não precisava, tinha a ideia

nítida de como era o seu aspecto. Sabia onde ficava cada cicatriz e marca no seu rosto e no restante do corpo. Todas elas lembravam-lhe do fracasso que era como pai, irmão e até mesmo como marido.

Ele não pensava muito em sua ex-mulher, Yara. De todas as suas perdas, essa era a menos sentida. Ela foi embora cinco anos após o desaparecimento das filhas — e mesmo nessa altura, Jonas já sabia que não se tratava de um simples desaparecimento. O motivo de ela o ter deixado talvez fossem suas mentiras, seus ferimentos inexplicáveis ou a lembrança constante que cada um trazia ao outro; o pensamento de que um dia trouxeram duas criaturas pequenas à vida e que do nada elas se foram. A casa também não ajudou, haviam recordações demais ali. Uma vez ele tentou limpá-la e guardar tudo, mas acabou apenas por chorar durante toda tarde e adormecer ali mesmo, no chão frio do quarto das filhas.

— Não tem nada para mim nesse mundo — ele pensou —, por quê ainda estou nele?

Sua mãe, religiosa como era, certamente diria que é um castigo de Deus por tê-lo abandonado.

— Se Deus é assim tão cruel, mãe, o diabo nem precisa mexer a porra do rabo! — ele falou em voz alta e sorriu.

Essa era uma das poucas coisas que o alegravam; zombar de Deus, O Todo-Poderoso e esperar que Ele acabe ficando cansado das provocações e o mate também. Não foi desse jeito que metade das pessoas na bíblia morreram?

Se Deus fizesse isso, não haveriam mais ateus, logo, seria uma vitória dupla. Exploda a cabeça de um filho da puta incrédulo numa praça cheia de pessoas e veja o mundo se tornar crente novamente.

Jonas saiu do banheiro pensando sobre isso, com tanta coisa que ele já cometeu, explodir um ateu seria tão chocante como descobrir que Hitler, afinal, era mestiço. Isso com certeza daria o que falar.

Trocou de roupa, andou até a sala e se sentou sobre o cadeirão. Ligou o televisor e começou a vasculhar os canais procurando algo para assistir quando alguém bateu a porta. Quis ignorar, mas a pessoa continuou batendo sem parar.

Foi até a porta e abriu para um homem idoso e mirrado que o encara-

va com os olhos semicerrados. Vestia um casaco verde-musgo comprido demais e que parecia estar a flutuar na parte da cintura sob a postura retorcida dele.

— Algum problema, Beto?

— Voltou a acontecer, Jonas. — Os lábios gretados e murchos tremeram. — Não achei que estaria vivo pra ver uma segunda vez. Merda, é castigo demais...

Jonas já não escutava, ele sabia do que Beto se referia. Tinha as suas suspeitas de que voltaria a acontecer em breve, mas eram apenas suspeitas até então. Olhou para a agitação na rua seguida de muitos choros distantes. Crianças haviam desaparecido.

— Quantas?

— Quatro.

— Irmãos?

— Dois... dois irmãos e outras duas crianças.

Jonas retirou a chave de casa, fechou a porta e saiu para a rua.

Enquanto caminhava com Beto ao seu lado, encarou o jardim coberto de capins tão altos como cachorros adultos. Viu o muro velho e sobre ele a cerca vermelha enferrujada e sentiu o cheiro de carne que pairava no ar. Reconheceu aquele cheiro. Seu coração acelerou, suas narinas dilataram e a cicatriz no peito ardeu como carvão.

— O filho da puta esteve aqui na minha casa, — anunciou se sentindo mais enojado — sinto o cheiro. Talvez até tenha entrado — pensou —, me visto a dormir, cheirado a roupa de minhas filhas.

— Porra, eu devia saber.

— Não é possível. Só o facto de conseguir cheirá-lo já é um milagre, Jonas.

— Milagre porra nenhuma, ele queria que eu sentisse. Se você andar até ali no canto da cerca, — Jonas apontou para o lado esquerdo da casa, no fundo do quintal onde o capim chegava aos joelhos — vai ver o *presente* que ele deixou.

Estava a gozar comigo, rindo da minha inutilidade, da fraqueza.

• • •

As pessoas se amontoavam sobre as casas tentando obter mais informações, riam e conversavam entre si, pareciam abutres no deserto rondando um cadáver, não se importando com nada mais do que saciar sua fome. Jonas conhecia muito bem esse tipo de animal.

Um carro azul escurecido com sirenes no teto estava estacionado próximo dali, os policiais pareciam imponentes e capazes, mas isso era tudo o que eles não eram. Jonas e Beto tiveram que lutar para passar pela multidão, foram privados na entrada por um dos policiais.

A farda estava desbotada e a boina adquirira um tom cinzento.

— Se afastem. — disse o homem. Beto, em contrapartida, se aproximou.

— Somos familiares da Tina — disse.

O guarda encarou-os como se fosse algum detetive capaz, depois se afastou, sem pedir sequer uma identificação para conferir a veracidade da informação.

As poucas pessoas ali pareciam habitar outra dimensão, andavam de um lado para o outro e murmuravam orações, alguns dos policiais conversavam com uma senhora baixa e gorda, com o cabelo desgrenhado e projetado para todos os lados como se tivesse sido eletrocutada. Usava um pano de samakaka ao redor da cintura que chegavam até os pés descalços e enxugava as lágrimas num lenço marrom. Nada do que saísse daquela conversa ajudaria — pensou Jonas. Primeiro porque eles acreditavam tratar-se de um problema *normal*. Segundo porque a mãe não lembraria de nada. Ninguém lembrava, tal igual ninguém podia vê-lo levar as crianças.

— Isso é inútil — Jonas falou. — Você sabe que já é tarde demais.

Beto continuou a andar.

Adentraram na casa por um corredor coberto de entradas, a maioria deles era preenchida por portas grossas de madeira laminada, excepto a da cozinha que era tapada por uma cortina. O cheiro pungente não vinha dali, Jonas soube. Passou por um dos últimos quartos e o odor ficou mais forte. Carne humana cozida. Era algo horrível de se cheirar e impossível de se habituar, mas era o único rastro que ele deixava.

— Não — Beto falou. Jonas achou que tivesse lido sua mente.

O velho Beto, que não era tão velho assim, sabia muito bem das coisas. Tudo devia-se ao sobra, seu pai; pelo contacto prematuro com coisas não-naturais. Foi nele que Jonas recorreu, e Beto o ajudou, mas no fim, aquela coisa venceu.

— Ainda não é tarde — continuou.

Entraram em um corredor e imediatamente Jonas soube o porquê do positivismo de Beto. Na parede rebocada no fim do corredor repousava o espelho que começava a escurecer; a prova de que o Avô Lemo esteve por lá.

— Mesmo assim, você sabe que não posso fazer nada, não consegui da última vez — Jonas murmurou.

Beto virou, fez uma careta de dor e endireitou levemente a coluna, olhou Jonas com os seus olhos negros afundados na pele velha.

— De todos aqui, você é o único que pode fazer alguma coisa. Ninguém acredita no que nós já vimos, eles olham pra esse espelho e não vêm nada além dos seus próprios reflexos feios. Até mesmo minha prima cujo filho desapareceu não acredita. Foram raptados, ela diz, por alguém como nós, mas sabemos que aquilo não é igual a nós.

— Eu sei, mesmo assim eu não posso fazer nada.

— Você é especial Jonas ...

— Pare com essa merda de ser especial, não somos mais crianças brincando na casa do teu pai. Nunca devíamos ter ido a procura dele, meu irmão estaria vivo agora, minhas filhas também.

— Não, não somos. E é possível que estivessem. Mas a verdade não se torna mentira pelo simples facto de você não acreditar nela. Você sobreviveu a três confrontos, pelo amor de Deus! Foram três, ninguém conseguiu uma única vez.

— Pura sorte — disse —, e ainda me custou caro. — Jonas tocou o peito, sobre o tecido da camisa sentiu as cicatrizes grossas e lisas. Havia outros ferimentos mais dolorosos e profundos, mas esses eram inalcançáveis.

— Estamos na casa da minha prima, Jonas. Eu vi essas crianças crescerem tal como vi as suas. — Beto fez uma pausa, recuperou o fôlego e

continuou — Ajudei você a tentar recuperá-las, chorei quando regressaste meio morto, com as roupas ensanguentadas delas. Se fiz isso tudo por ti, imagine pelo meu próprio sangue?

Ficaram em silêncio por muito tempo, encarando um ao outro. Aquelas palavras trouxeram memórias. Algumas fizeram as cicatrizes arderem, outras a perna guinchar. Jonas ouviu uma voz dentro de si, zombando, julgou que fosse de Deus, mas pareceu apenas com as vozes caricatas de Hitler dos filmes de comédia.

Você queria um propósito? Tai um propósito, enfia bem fundo no cu, seu herege filho da puta.

Ele coçou a barba e bateu o pé esquerdo no chão, tentando aliviar a dor.

— Quanto tempo até ser tarde demais?

Beto voltou a se curvar, como papel que contorcia ao ser queimado. Virou o corpo, encarou o espelho e falou por cima do ombro.

— Eu diria que temos até amanhã a tarde.

Sáiram da casa e Jonas sabia que as outras estariam da mesma forma, esperou que estivessem longe o bastante e falou:

— Ele está menos cauteloso. Numa noite roubou quatro crianças de três casas diferentes, e pelo aspecto do espelho, apareceu pouco antes de amanhecer.

— A fome torna os animais ainda mais irracionais.

— Você o machucou dez anos atrás, seu irmão há vinte anos, não se tem alimentado bem. E isso pode ser vantajoso para você.

— Preciso me preparar — Jonas falou e apressou o passo deixando Beto para trás.

A caminho de casa viu um grupo de mulheres segurando duas latas cada e batendo uma contra a outra enquanto gritavam dois nomes — no estilo de procura espalhafatosa dos Luandenses —, Lumoxi e Luyadi, gémeos. Mais dois nomes para acrescentar a lista de fracasso, caso ele não conseguisse.

SEGUNDO

Jonas abriu a gaveta da cabeceira, retirou a porta-retratos das filhas e encarou mais um pouco. Sentou-se no chão, apoiou as costas na travessa de madeira de cama e soluçou compulsivamente. Tal como a dor da perda, Lemo também se tornara crônico e o acompanharia para o resto de sua vida. Agora ele estava preso a esse ciclo vicioso.

Ficou olhando para a foto pensando nas filhas e no irmão por mais tempo do que havia planejado; quando finalmente reuniu forças para se levantar, limpou as lágrimas, colocou o porta-retratos no lugar e retirou a faca que ficara guardada ali por dez anos. Limpou o pô do cabo e da bainha de couro preto.

Era um objeto feito especialmente para o Avô Lemo. O único metal de que ele tinha conhecimento de poder feri-lo. Fora o irmão dele quem descobrira isso.

— Foi uma sorte do caralho — falou em voz alta.

Desembainhou a lâmina. O metal era castanho dourado e parecia frágil demais para ser usado contra Lemo. O fio de corte duplo terminava em um V perfeito. Tinha uma espessura fina e o maior peso provinha do cabo. Ele fez a mesma coisa com as outras duas facas guardadas em casa. Antes das filhas serem mortas haviam mais delas, mas se perderam no confronto que se seguiu.

Voltou para o quarto e olhou por baixo da cama, retirou um amontoado de cordas e uma marreta. Quando passou pelo quintal, sentiu o cheiro mais acentuado e perguntou que parte do corpo de uma criança estava escondida ali entre o capim e se seria de uma das filhas. Não tinha coragem suficiente para ir ver com os próprios olhos, só a ideia já o deixava nauseado.

Eram treze horas quando encontrou Beto sentado no passeio da escola primária nº 42, uma pequena vala escorria água fedorenta próximo aos seus pés. O homem parecia muito mais velho do que o habitual. Ergueu o olhar e assentiu para Jonas. Fez um esforço para levantar e juntos caminharam até uma rua quase deserta. Havia apenas uma construção ali e um muro enorme de blocos antigos que escondia o interior do quintal.

Passaram pelo portão que apenas rangeu em protesto — Jonas havia

destruído o cadeado anos atrás. O quintal era enorme, coberto de árvores de manga e goiaba, capim e amontoados de plantações de cana-de-açúcar. Parecia uma floresta pequena. Próximo a uma árvore de goiaba, no centro do terreno, estava a única construção inteiramente humana além do muro e do portão. Jonas e Beto aproximaram-se evitando ao máximo as sombras projectadas pelas árvores.

A orla da cacimba era coberta por tijolos e tampada com concreto sobre uma grelha de ferros enegrecidos pela ferrugem e que se esgueiravam pelas fissuras. Havia um buraco circular de onde o balde deveria passar.

Jonas pousou a marreta, retirou a corda do ombro e enrolou uma das pontas bem forte na árvore, subiu no concreto e atirou a corda para dentro da cacimba. Encarou o velho amigo que também retribuía o olhar. Era a quarta vez que os dois vinham para esse lugar, não viveriam para ver uma quinta vez, não queriam que isso acontecesse.

— Quando as crianças voltarem... — parou ao perceber como aquilo soava familiar. Estava dizendo as mesmas palavras de há dez anos atrás, quando tentou por duas vezes, resgatar as filhas. Afastou a memória e a dor na perna e continuou — espere três minutos por mim, se não voltar nesse período, corte a corda e quebre essa cacimba. Talvez deixe de funcionar se não estiver tapada — Jonas apontou para a marreta e depois entregou-lhe uma das três facas de cobre. O amigo recebeu e assentiu.

— Três minutos e nem mais um segundo a mais, Beto.

Jonas segurou a corda e desceu pela abertura do circular. Começou a escurecer e a esfriar. Jonas ouviu sussurros arrastados parecidos com o som do vento. Alguma coisa fez a corda balançar, Jonas firmou o aperto, embateu contra uma parede estranha, não era dura nem disforme, mas mole e pegajosa, sentiu sua roupa se desgrudar dela da mesma forma que ocorria com um sapato velho descolando da sola. Um arrepio percorreu sua espinha. Obrigou-se a continuar descendo.

A luz da abertura havia desaparecido e sobrou apenas escuridão. Jonas tinha a mente confusa e entorpecida. Não sabia mais se estava descendo ou subindo, apenas que seus braços latejavam e suas mãos tremiam.

Avistou uma luz fraca alaranjada cada vez mais próxima que começava a tornar-se mais forte. Envolveu-lhe e afastou o frio que endurecia suas articulações. Teve que fechar os olhos para se proteger e sentiu a cabeça

bater em algo rijo e frio. Quando abriu os olhos estava olhando novamente para a abertura circular no topo da cacimba. Ergueu o braço e saiu para fora do buraco.

• • •

O ar parecia não lhe chegar aos pulmões e todo seu corpo pulsava de dor, principalmente suas mãos. Pensou estar realmente velho como se apenas agora tivesse cem por cento de certeza de que os anos haviam realmente passado.

Antes ele tinha uma vaga noção que aparecia apenas quando as costas ou a anca doíam sem razão aparente, agora ele tinha total e absoluta certeza de que não duraria muito mais. Disse para si mesmo que cronómetro estava quase no fim. Esboçou, de seguida, um sorriso de satisfação.

Olhou ao redor e se deparou com uma paisagem exuberante e familiar, sentiu os pêlos do corpo se eriçaram. O muro havia desaparecido sobre a enorme extensão de árvores e capim, Jonas não conseguiu identificar nenhuma. Eram finas e retorcidas e não possuíam uma folha sequer.

Saiu da plataforma de concreto e começou a andar até a pequena cabana no horizonte. As nuvens haviam ficado cinzentas e espessas como fumo, ouviu passos atrás de si chicoteando sobre o capim, tocou na faca guardada no bolso e olhou ao redor.

Diminuto e com um corpo arredondado, uma criatura que se assemelhava a um bebê humano, excepto pelo rosto barbudo e coberto de olhos, o encarava. Cada olho possuía uma cor diferente. Quanto mais Jonas a encarava, mais idiota se tornava a comparação. Aquilo não se assemelhava nem um pouco com humanos bebês. Ignorou os outros corpos e milhares de olhos que se amontoavam ali e continuou a caminhar. O cheiro se tornando mais forte.

Havia uma panela enorme fervendo sobre o lume de uma fogueira feita com lenha. As lufadas de vapor que soltava enchiam as narinas de Jonas e o fizeram ter ânsia de vômito. Ouvia o som de talheres e entrou apressadamente sobre a cabana de madeira.

Sobre uma mesa, quatro crianças tomavam o que deveria ser a sua última refeição. Sem perder tempo, Jonas passou a mão sobre a mesa como

uma vassoura e jogou tudo no chão. Os pratos e tijelas de metal retiniram sobre o chão de terra vermelha batida. As crianças apenas o encaravam com as colheres na mão.

— Levantem, vamos embora. — Falou.

— Não podemos — disse uma das crianças que tinha os olhos finos puxados nos cantos —, nos disseram para ficar aqui ou vão nos colocar de volta no saco. — Apontou com os dedos magros para um saco de açúcar pregado na parede. As outras crianças murmuraram em concordância.

— Ok... — Jonas disse, tentando pensar em um jeito de convencer as crianças.

Olhou pela mesa, uma das crianças tinha tranças grossas que desciam até a parte de trás do pescoço, mas pareciam que cada fio de cabelo possuía vida própria, como se quisessem soltar-se dos emaranhados e seguirem seu próprio caminho. Reconheceu imediatamente aquela rebeldia capilar.

— Sua mãe se chama Yara, não? — Falou num tom de urgência. O miúdo se empertigou e franziu as sobrancelhas peludas. — Ela está a procura de você desde manhã.

O truque de Jonas era parecer aflito e preocupado, fazer com que a criança pensasse que estavam em maus lençóis. O que não era de todo mentira.

— Vocês também, Lumoxi e Luyadi — olhou para o rapaz que havia respondido e depois para a única menina na sala. — Aliás, todos vocês. Seus pais estão bem preocupados.

— Você sabe se minha mãe me prometeu surra? — Indagou o rapaz de cabelos furiosos.

— Ainda não falou nada, mas se vocês demorarem... — ele fez uma pausa e deixou que o silêncio se alastrasse pela sala, sabia que na mente deles, cada um preencheria a frase de acordo com o temperamento dos seus pais.

Um a um foram se levantando, soltaram as colheres e seguiram Jonas para fora da cabana. Ele dirigiu-lhes até a cacimba, explicou que deveriam descer e não largar a corda. Ninguém queria fazer aquilo no início, até Joel, o mais pequeno e calado dos meninos avistar uma das criaturas com vários

olhos e quase se jogar na cacimba.

— Desçam devagar e com cuidado. Eu vou estar atrás de vocês e quando perceberem estarão em cima. É igual um exercício de Educação física. Ele esperou que todas descessem e sem saber se tinham conseguido realmente, voltou para a cabana, ainda não havia terminado. Puxou uma cadeira, sentou-se e aguardou.

Encarou as prateleiras e os objetos velhos que preenchiam aquele lugar estranho, alguns ele conhecia, outros não. Não havia qualquer coisa de vidro ali, apenas metal e porcelana. Ignorou o cheiro pútrido de carne e dejetos o máximo possível. No teto, objetos esbranquiçados presos em cordas finas tilintavam, Jonas percebeu logo que eram ossos humanos, ele abaixou o rosto e tentou não focar-se em mais nada.

Finalmente ouviu os passos arrastados e uma figura alta, magra e encurvada entrou. Estava apoiada sobre uma bengala de madeira e carregava na outra mão um cesto coberto de cebolas, alho, rama e alguns cogumelos. A cabana foi logo preenchida por um odor de cedro queimado.

— Mano Jonas — falou, em umbundu. A voz ecoou pelos ouvidos de Jonas. —, de novo aqui?

Jonas sentiu todas as suas cicatrizes do corpo arderem. Com esforço, ele conseguiu falar:

— Essa será a última.

— Com certeza. Parece que chegou cedo hoje. Aprendeu alguma coisa do nosso último encontro — Soltou uma gargalhada que retumbou pela cabana.

Ele pousou o cesto, deu dois passos próximos a Jonas. Não havia cabelo naquela cabeça murcha. Os olhos eram como os do boi e brilhavam num tom amarelo. Rachas negras cobriam a pele cinzenta e escamosa.

— Pena que você teve que perder tanto para aprender isso — abriu um sorriso enorme, evidenciando fileiras de dentes compridos e desordenados. Jonas levantou-se e desembainhou uma das facas. Lemo deu um passo atrás.

— Tudo acaba hoje — Jonas falou.

— Sabe o que restou de suas filhinhas, Jonas. Hum? Quer saber onde

estão os restos delas?

— Isso não vai resultar novamente.

Lemo atirou a bengala, Jonas desviou e antes que pudesse ver ou sentir a aproximação dele, sentiu uma forte dor. Cambaleou para trás e tocou o ferimento no lado esquerdo.

Lemo estava agachado por cima da mesa, as unhas compridas e metálicas cravando-se na madeira. Jonas atacou, soltando golpes furiosos, mas errou todos.

Projetou a faca em direção a figura de Lemo, mas como uma sombra que se movia por ordem da luz, ele desviou daquele golpe e chicoteou com as unhas metálicas o braço de Jonas que empunhava a faca. A arma bateu na parede e retiniu ao cair. Estava desarmado.

Lemo pareceu ficar maior. Um sorriso de orelha a orelha se formou e todos os dentes ficaram visíveis. Jonas deu um passo para trás, saltou e prendeu-o sobre o chão da cabana, a mão comprimindo-lhe o pescoço e as unhas se cravando nele como agulhas.

Ele gritou e se debateu. Socou o rosto de Lemo, arranhou seu rosto, desfazendo uma parte da pele como se estivesse arrancando papel húmido. Ele não pareceu notar. Do ferimento surgiram vermes enormes ao invés de sangue. Jonas grunhiu de dor enquanto tentava alcançar o bolso da calça.

— Não resista — disse Lemo e lambeu um dos vermes que estava a brotar do lábio —, é isso que você queria, não resista.

A cabeça dele parecia pesada demais. As têmeoras pulsavam dolorosamente e a visão estava se enturvando.

— Merda — pensou —, merda!

As memórias surgiam, todas de uma vez, todas em simultâneo, mas ele conseguia ver cada uma delas e as compreender. Era assim a morte? Viam como *flashes* intensos. Num momento ele estava numa festa de casamento e no outro deitado sobre o chão vermelho da casa de Lemo. Estava escurecendo, mas o aperto ainda continuava, seus braços ainda se debatiam, seus pulmões ainda imploravam por oxigênio. As filhas choravam e ele tentava acalmá-las, Lemo sorria e soltava um som parecido com um assobio.

Ele alcançou a faca no bolso por detrás da calça, segurou-a com toda a

força que lhe restava e mirou no pescoço da criatura. Ele agarrou sua mão e a mordeu. Riu enquanto a dor recuperava parte da vida exaurida de Jonas.

Jonas aproveitou esse momento de êxtase para afastar Lemo de si. Arrastou-se pelo chão, respirando pesado e deixando um rastro de sangue pelo chão.

— Cachorro velho não aprende truques novos, Jonas — ouviu Lemo dizer.

Ele tocou a parede com a ponta dos seus dedos manchados e pensou que talvez conseguiria. Talvez... sentiu as garras se prenderem sobre os pés e o arrastarem de volta. Lemo o virou e saltou com os dentes a mostra na direção do pescoço de Jonas. A lâmina adentrou como se tivesse transpassado manteiga e Lemo desabou sobre ele. Por momentos ele tinha achado que o metal iria se vergar, se desfazer devido a dureza do crânio. Respirou fundo e largou o cabo da faca, jogou o corpo de Lemo para longe e tentou recuperar suas forças.

— É... — Jonas murmurou —, mas ainda morde.

• • •

Quando sentiu que poderia se manter de pé, Jonas se levantou e foi a procura de folhas e galhos secos. Quando voltou, jogou tudo pela cabana, retirou um pedaço de lenha da fogueira, atirou dentro, saiu e fechou a porta. Começou a se dirigir para a cacimba enquanto a fumaça se esgueirava pelas aberturas da porta.

Começou a descer a corda e talvez estivesse no meio do caminho quando sentiu que as mãos fraquejaram e começaram a soltar a corda. Bateu contra as paredes pegadas enquanto caía e lutava para achar a corda.

A sensação de que estava prestes a atingir o fundo retumbava em sua mente, a mesma que normalmente acompanha os sonhos em que caía de lugares altos, mas ali, na vida real, aquele pressentimento era dez vezes mais poderoso. Talvez porque estava totalmente consciente e sabia que o fundo acabaria por chegar e a qualquer momento ele atingiria o solo. Seu cérebro parecia ter vida própria e gritava para que ele se agarrasse nalguma coisa.

Ele ergueu as mãos e vasculhou o vazio. Nada. Virou o corpo para o que achou ser o outro lado. Nada. Estava terminando, Jonas, o fundo estava

próximo. Balançou os braços, as pernas e gritou. Sua mão roçou alguma coisa. Usou uma das mãos, mas a fricção queimou-a e ele a afastou, obrigou-se a usar as duas mãos. Gritava enquanto o atrito esfolava a pele das palmas, se afundado. Parecia que estava prestes a atingir os ossos, desfazê-los.

Conseguiu parar, mas os gritos de dor continuaram e não tinha mais forças para continuar. As mãos latejavam de dor, começavam a ficar húmidas e a corda escorregadia.

Ouviu batidas ritmicas em cima da cabeça. Bum. Bum. Bum. Sentiu a areia sujar o seu rosto e soube logo do que se tratava.

— Beto — gritou. — Beto!

— Jonas? Jonas é você?

— Não aguento mais, estou exausto — disse e era como se não estivesse só falando da dor física.

— Aguenta — disse o amigo —, só mais um pouco.

— As crianças?

— Estão todas aqui, todas elas. Você conseguiu. Agora só precisa continuar a subir. É só continuar.

— Merda — praguejou. Jonas tentou subir, mas a dor era profunda. — Não dá. Não dá.

— Você consegue — ouviu uma voz pueril. Era o rapaz dos cabelos furiosos.

Jonas sorriu, não sabia bem o porquê, mas viu seu lábio contorcer-se em um sorriso.

Voltou a tentar, urrando e praguejando. Mas apegou-se àquele sorriso bobo que brotara tão repentinamente e em circunstâncias tão inapropriadas. De alguma forma ele percebeu que apesar do casulo do sofrimento que envolve alguém, apesar de toda a dor, ainda era possível sentir emoções positivas. Não aquele sentimento falso de quando debochava de Deus e se achava mais inteligente, mas o verdadeiro e puro, impossível de se prever até nos afogar.

TERCEIRO

Jonas voltou para casa. Havia deixado a responsabilidade de destruir a cacimba e entregar as crianças nas mãos de Beto enquanto ele se sentara com as mãos enfaixadas com partes da camisa de Beto e observara aquela coisa ser desfeita. Pusera a marreta e a corda de volta no lugar. Sacudiu a poeira da roupa, desenfaixou o curativo improvisado e lavou as feridas, junto com os arranhões no rosto e pescoço.

Saiu de casa e ficou a olhar para o quintal. Já era noite, a lua brilhava e fazia recair sobre a terra uma camada fina de luz prateada. Jonas firmou a mão enfaixada agora com compressas no cabo da enxada, ligou a lanterna que estava na outra mão e se pôs a trabalhar.

Capinou o lugar durante uma hora e meia até chegar ao local desejado. As mãos ardiavam e latejavam. Afastou o capim e torceu o nariz com o cheiro. As luzes da lanterna incidiram sobre duas mãos pequenas e inchadas. As unhas haviam sido arrancadas, a pele e os músculos encolhidos, da mesma forma que acontecia com a carne quando fervida, evidenciando os ossos finos e brancos.

Jonas afastou-se dali e soltou uma lufada de ar. Olhou ao redor e não havia ninguém. Quis gritar como um louco, mas temeu que a voz não deixasse sua garganta, e sabia que se isso acontecesse nunca mais voltaria a falar.

Se manteve em silêncio e cavou um buraco profundo no quintal. Colocou aquilo dentro de uma caixa velha que achou dentro de casa, enterrou junto com alguns brinquedos e peças de roupas. Mais uma vez não soube porque fazia aquilo, dizia para si mesmo que apenas se limitava a seguir o que chamou de instinto.

Sentia-se em outro lugar, observando o que seu corpo fazia em uma tela gigante. Colocou pedras ao redor e se sentou perto dali, observando sem satisfação, o trabalho que havia feito.

Algumas semanas mais tarde, Jonas ainda se recusava a falar. Quando Beto vinha lhe visitar, ficavam sentados perto da sepultura e bebiam suas cervejas em silêncio.

— Você precisa falar sobre isso com alguém — dissera certa vez o amigo —, alguém que não seja eu ou isso vai acabar por consumir você por inteiro.

Jonas não respondera.

— Precisas de alguém que realmente partilhe sua dor. Que entenda como você se sente. Você achou uma resposta para as suas perguntas, achou uma resolução e agora precisa deixá-la ir, seguir seu curso ou vai se afogar nela.

Numa noite qualquer, passava pela rua com um saco de cervejas que havia comprado na cantina, quando ouviu uma conversa de crianças. Elas se apertavam em um passeio, os olhos postos no miúdo que falava.

— Se você sair as dezassete ou dezoito e a rua estiver vazia — falou ele —, não vire a cabeça e volta rápido em casa. Se alguém te chamar continua a andar e não responde...

— E se eu reconhecer a voz? — interrompeu uma das crianças. Os outros murmuraram insultos.

— Mesmo assim não responde, ó burro — continuou o locutor —. Se você responder vais fazer tudo que ele te mandar, vais entrar no saco de fuba dele e vão te comer na casa dele.

Todos permaneceram em silêncio por alguns segundos. Uma das crianças virou o rosto e viu Jonas.

— Olha esse pai — disse —, olhem o saco dele na mão.

Jonas sentiu os olhares sobre si. Encarou o saco preto e concluiu que não havia semelhança alguma com um saco de fuba. No entanto as crianças começaram a murmurar, agitadas. Todas se levantaram.

— Não é um saco preto e nem de fuba — falou, a voz rouca e estranhamente irreconhecível para ele — É de açúcar. Saco de açúcar.

Voltou a caminhar e se imaginou com o irmão naquele mesmo lugar, ouvindo atentamente as histórias bizarras de Beto, enquanto o irmão construía engenhocas absurdas com ferro e cobre e soltava muxoxos de des-

crença enquanto a história era narrada.

Em determinada altura eles se cansariam das histórias, combinariam de ir à casa de Beto saber sobre a mais assustadora de todas.

Desejou que nenhuma criança fosse tão curioso quanto ele na infância, desejou que aquele locutor não fosse filho de nenhum homem ou mulher que mexia com feitiços e que aqueles contos não significassem para as crianças, o que significou para ele; uma chance de conhecer um mundo novo. De ver coisas novas e ao mesmo tempo estranhas. E o mais importante, de provar ao irmão que aquelas não eram simplesmente histórias pra assustar.

Naquela noite após tomar todas as cervejas, Jonas sentiu que não podia mais guardar aquilo tudo para si mesmo. Precisava falar com alguém. Pegou o telefone, marcou um número de cor e colocou sobre a orelha. Alguém atendeu.

— Alô, Yara? — disse — Sou eu. Precisamos conversar, é sobre o que aconteceu com as crianças.

AC Lukamba é o pseudónimo de Alberto Cassinda Lucamba Bumba, 19 anos de idade. Nasceu em Abril de 2002 e vive na Matala, Huíla, onde frequenta o curso de Enfermagem Geral. Coursou ainda Informática Avançada e é leitor assíduo, amante de fantasia e Mitologia. Iniciou a escrita em 2019 e venceu, um ano depois, o Concurso Futuros Contistas, realizado pela Kamba Editora com o conto «O Contrato de Eloko».

